

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

GABRIELLE DUARTE DE SOUZA

**A ESPIRITUALIDADE NOVA ERA: CARACTERIZAÇÃO GERAL E ESTUDO
EXPLORATÓRIO EM REDES SOCIAIS**

Porto Alegre

2024

GABRIELLE DUARTE DE SOUZA

**A ESPIRITUALIDADE NOVA ERA: CARACTERIZAÇÃO GERAL E ESTUDO
EXPLORATÓRIO EM REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais na Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Alessandro
Giumbelli

Porto Alegre

2024

GABRIELLE DUARTE DE SOUZA

**A ESPIRITUALIDADE NOVA ERA: CARACTERIZAÇÃO GERAL E ESTUDO
EXPLORATÓRIO EM REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

CONCEITO: A

APROVADO EM: 17 de janeiro de 2025

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli (UFRGS – orientador)

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy (UFRGS)

Dr. Jorge Helius Scola Gomes (UFRGS)

Porto Alegre

2024

RESUMO

O movimento Nova Era (ou *New Age*) surgiu nas décadas de 1960 e 1970, caracterizando-se por uma busca por novas formas de espiritualidade, autoconhecimento e bem-estar, geralmente fora das religiões tradicionais e dogmáticas. Ele é influenciado por uma combinação de várias tradições espirituais, incluindo o espiritualismo, o esoterismo, as filosofias orientais (como o hinduísmo e o budismo), e o xamanismo, além de conceitos de psicologia humanista e ciências alternativas. O presente trabalho busca, com base em ampla bibliografia, uma caracterização geral da espiritualidade Nova Era e, com pesquisa empírica, um estudo exploratório da expressão dessa espiritualidade em redes sociais. Conclui-se que as pessoas buscam por experimentações de diversas crenças e práticas, relacionando-se com o sagrado de forma mais aberta e fluída, questionando-se sobre as religiões tradicionais e o dogmatismo.

Palavras-chave: Nova Era. Sagrado. Espiritualidade. Internet.

ABSTRACT

The New Age movement emerged in the 1960s and 1970s, characterized by a quest for new forms of spirituality, self-knowledge, and well-being, often outside traditional and dogmatic religions. It is influenced by a combination of various spiritual traditions, including spiritualism, esotericism, Eastern philosophies (such as Hinduism and Buddhism), and shamanism, as well as concepts from humanistic psychology and alternative sciences. This paper seeks, based on extensive literature, a general characterization of New Age spirituality and, through empirical research, an exploratory study of the expression of this spirituality on social media. It concludes that people seek experimentation with diverse beliefs and practices, relating to the sacred in a more open and fluid way, questioning traditional religions and dogmatism.

Keywords: New Age. Sacred. Spirituality. Internet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1- SECULARIZAÇÃO E OS SEM RELIGIÃO	10
CAPÍTULO 2 - DA INTERNET ÀS REDE SOCIAIS	17
CAPÍTULO 3- CARACTERIZAÇÃO DA NOVA ERA	21
CAPÍTULO 4- NOVA ERA NO BRASIL.....	31
CAPÍTULO 5- ESTUDO EXPLORATÓRIO NAS REDES SOCIAIS.....	40
5.1 Comunidade do <i>Reddit</i>	42
5.2 Análise de <i>Hashtags</i>	48
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

Pensar o cenário religioso no Brasil nunca foi fácil, dada a tamanha magnitude do país e da pluralidade religiosa que podem ser encontradas neste território, principalmente pelos processos históricos e sociais que o constituíram. No entanto, nas últimas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, constatou-se uma série de transformações dentro deste cenário que não podem ser ignoradas por aqueles que desejam melhor compreendê-lo: como é o caso do aumento dos que se dizem “sem religião” (no Censo de 2010 registrou-se cerca de 8% da população, isto é, 15 milhões de pessoas). Em um primeiro momento, isso pode parecer estranho para um país que tradicionalmente teve em suas veias a Igreja Católica Apostólica Romana como soberana no país. No entanto, no dia a dia, é possível observar como estas mudanças estão em curso, como nas pesquisas Datafolha de 2016¹, realizadas em 174 municípios, a qual relata que “50% dos entrevistados se dizem católicos, 29% evangélicos e 14% sem religião — já acima dos 8% sem religião identificados no último Censo.” Além disso, entre os jovens de 16 a 24 anos este percentual chega a 24%. Por que isso vem ocorrendo? Quais são as possíveis explicações que levam a essas mudanças? Certamente, não há apenas uma resposta para ser considerada.

Refletindo no âmbito mundial, é possível observar também transformações no quadro religioso e isso não pode ser dissociado, de fato, com a era em que estamos vivendo. Há tendências de sair do âmbito institucional e tradicional religioso (o que se configuraria como ter uma religião consolidada, digamos assim) e voltar-se, por exemplo, para uma espiritualidade mais fluída e híbrida, com diversas crenças e práticas. Nesse sentido, a revolução tecnológica e informacional que deu margem ao aparecimento da internet, de computadores e celulares, em nível global, é um fator importante que gerou inúmeras consequências; o que, aos poucos, estão sendo observadas e estudadas. As redes sociais são um fenômeno recente e que já causaram impactos (negativos e positivos) que precisam ser investigados e acompanhados para ter a dimensão de seu alcance no mundo social. Hoje, com a palma da mão, pode-se ter informações a respeito de todas as religiões e práticas espirituais que se desejar, mas não apenas: as próprias religiões tradicionais estão migrando para o mundo virtual, como é o caso dos cultos online ou das pregações encontradas facilmente navegando pelo Youtube, por exemplo.

¹ Relatório completo disponível em:

<https://media.folha.uol.com.br/datafolha/2016/12/28/da39a3ee5e6b4b0d3255bfef95601890afd80709.pdf>

No entanto, ainda que a internet possa ter alavancado movimentos de cunho espiritual e tenha feito com que esse tipo de informação tenha alcançado mais pessoas, é necessário lembrar que essas práticas são antigas e, no Brasil, tiveram seu apogeu na década de 70 e 80, com a contracultura e a crítica ao cristocentrismo, além do *boom* do mercado editorial de livros de autoajuda e de caráter místico, dando margem para a possibilidade de outro tipo de relação com o sagrado, centrada, por exemplo, nas experiências individuais, nos rituais, no ocultismo, na magia, na astrologia, nas práticas alucinógenas – e é aí que pode-se pensar o termo “Nova Era” (D’Andrea, 2000).

Este movimento denominado “Nova Era” (*New Age*, em inglês) é principalmente caracterizado pela pluralidade de crenças espirituais e religiosas, que podem ser localizadas, sobretudo, no mundo ocidental e podem ser descritas por inúmeros fatores, o que acaba sendo um ponto de divergência nos estudos acadêmicos (ver, por exemplo, Frigerio, 2013; Toniol, 2015). Justamente por seu caráter plural e eclético, acaba-se tornando-se difícil a conceituação e definição deste movimento com precisão. No entanto, essas ideias se espalharam pelas comunidades metafísicas e ocultistas nas décadas de 70 e 80, principalmente pelos seguidores do esoterismo moderno e do transcendentalismo americano do século XIX e na teosofia advinda de Helena Blavastsky, Henry S. Olcott e Annie Besant (Oliveira, 2009). De certa maneira, o crescimento deste movimento deu-se, em parte, pela busca de respostas alternativas dos sujeitos a seus anseios, assim como do surgimento de um mercado esotérico e o aparecimento na mídia sobre essas temáticas.

Neste ponto, muito tem-se questionado como o sagrado, a partir dessas transformações, se encontra ou é afetado em um campo marcadamente plural e diverso, uma vez que os elementos religiosos coexistem com práticas e valores modernos, não convencionais e seculares. Decorre disso que a religião se “subordina” ao indivíduo e é ele próprio que elabora seu universo simbólico, tendo uma gama de bens culturais a seu dispor que são reelaborados de forma livre e subjetiva, fazendo com que o sagrado volte-se para o *self* (Duarte, 2005). A própria globalização ajudou, nesse ponto, para que esses bens culturais fossem difundidos e reproduzidos. Pode-se pensar, portanto, que as ideias e a estética Nova Era se encontram nessa encruzilhada, sobretudo na divulgação midiática, aparecendo também como um recurso de consumo. Por exemplo, hoje, não é incomum observar nas plataformas e redes sociais o crescimento de conteúdos voltados para práticas espirituais, como a leitura de tarô online ou como as receitas de simpatias e magias para se conseguir o que se almeja.

Em relação à literatura, o termo “nova era” aparece em pesquisas no Brasil, sobretudo, nos anos 1990 e 2000, mas continua sendo amplamente utilizado nas pesquisas mais recentes. Trabalhos como D`Andrea (2000) apresentam e caracterizam o movimento *New Age* e o relacionam às tendências individualizantes, reflexivistas e globalizantes da modernidade, além de pensar na sua chegada ao Brasil; enquanto Magnani (2000) busca identificar as fontes e bases doutrinárias, além dos frequentadores, que embasaram este movimento no Brasil. Nesse mesmo sentido, pesquisas como as de Oliveira (2009; 2014) articulam elementos das religiosidades populares (como nos cultos afro-brasileiros) e da Nova Era, refletindo sobre a formulação de uma “umbanda esotérica”. Também há um campo fértil de pesquisas sobre saúde (Guerriero, Leite; 2020, Hernández, 2022; Toniol, 2015), como também de uma “cultura holística” (Campanella, Castellano, 2015) e as práticas de consumo midiático e cultural ligadas à Nova Era, assim como de terapias alternativas e sua legitimidade no Brasil (Tavares, 2003). Ainda, no campo digital, há trabalhos como o de Hida (2023) que se detém aos rituais online e o fortalecimento do movimento de espiritualidade do *self*, e de Leal (2019), que faz um estudo de caso do “Movimento Natural Vibe” no *Instagram*.

Apesar das diversas pesquisas relacionadas à temática da Nova Era, sendo em grande parte tentando defini-la ou melhor compreendê-la, poucos são os trabalhos que refletem sobre o papel das redes sociais como uma fonte que alimenta o *ethos* (Guerriero, 2016) novaerista, ou seja, que pretendem estudar estes ‘ambientes’ enquanto propagadores de ideias vinculadas à espiritualidade, ainda que D`Andrea (2000) já tenha alertado que a internet é um meio de veiculações e ideais *New Age*, além de ter vislumbrado que ela poderia ser lida como “o que a religião poderá parecer no futuro” (p. 8). Com isso, pretende-se neste trabalho contribuir para as pesquisas relacionadas à temática questionando-se como a espiritualidade Nova Era pode ser caracterizada de maneira geral a partir de um estudo exploratório com base em ampla bibliografia, por meio de um levantamento de material já elaborado e publicado em livros e revistas em plataformas como o Scielo, Google Acadêmico e periódicos Capes, visando explicações do tema com base em referências teóricas, selecionando palavras de busca como “Nova Era e Internet” e “Espiritualidade e Redes Sociais”.

Nesse sentido, mobilizou-se autores como Weber, a partir de seus conceitos de secularização e de desencantamento do mundo, por meio da reflexão de como estes fenômenos foram aparecendo no mundo moderno marcado por religiões tradicionais; da mesma maneira, a palavra “espiritualidade” foi acionada aqui enquanto parte da problemática apresentada por Giumbelli e Toniol (2020), isto é, enquanto uma categoria analítica que necessita ser mais bem delimitada e explicada. Neste ponto, compreende-

se a Nova Era enquanto “uma manifestação mais contundente” (D`Andrea, 2000) do advento e expansão de espiritualidades pós-tradicionais, que se contextualizam para além da dimensão institucional, com um carácter individualista, flexível e dinâmico. Dessa forma, esta “nova espiritualidade” relativiza, transcende e inverte uma série de relações usuais do campo religioso, ao passo que se liga a formas emergentes de constituição do sujeito, o “self” (D`Andrea, 2000).

Além de uma caracterização geral da espiritualidade Nova Era, o objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma pesquisa exploratória nas redes sociais. A análise foi realizada em determinadas plataformas, em especial, o *Reddit* (plataforma constituída por fóruns e comunidades), tentando compreender como a expressão da espiritualidade novaerista é acionada e mobilizada pelos internautas nessa rede. Para tal, observou-se a comunidade “r/espiritual” no site e, por meio de um estudo exploratório, pretendeu-se identificar, enquanto objetivo geral, os elementos que formariam uma concepção ou espírito “novaerista”. O estudo exploratório se estendeu para a investigação das *hashtags* mais utilizadas nas redes sociais a partir da análise de postagens, com destaque para sua incidência no Tik Tok e no Instagram.

O primeiro capítulo desta monografia refere-se à secularização e ao advento do grupo dos “sem religião”, buscando melhor apreender esses fenômenos e como eles se relacionam com o momento atual caracterizado pela busca de uma espiritualidade. O segundo capítulo contextualiza a era das redes e dos algoritmos, ou seja, reflete como as redes sociais podem ser pensadas atualmente em um mundo hiperconectado. O terceiro se preocupa em caracterizar, brevemente, o movimento Nova Era e a aparição das novas espiritualidades nas redes. O quarto almeja identificar o movimento Nova Era no Brasil. O quinto capítulo refere-se aos resultados do estudo exploratório, seguido de uma breve conclusão.

1 SECULARIZAÇÃO E OS SEM RELIGIÃO

A categoria censitária dos “sem religião” no Brasil vem despertando curiosidade pela sua expressividade e convoca a emblemáticos questionamentos em relação a sua aparição, uma vez que é sabido a predominância católica e evangélica no país, como é possível observar no censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, por exemplo. Alguns autores(as) já se debruçaram em relação a essa temática, como Novaes (2004), que analisando pesquisas (tais como o Perfil da Juventude Brasileira, abarcada pelo Instituto Cidadania) investiga mais profundamente a opção “acredita em Deus, mas não tem religião”. Embora possa se afirmar que é um fenômeno que origina ou dá margem para múltiplas explicações, Novaes indica que “[...] em nenhuma outra época houve tantos jovens se definindo como “sem religião” que poderiam também ser classificados como “religiosos sem religião”, isto é, adeptos de formas não institucionais de espiritualidade que são normalmente classificadas como esotéricas, nova era, holísticas, de ecologia profunda etc.” (NOVAES, 2004, p.3). Além disso, parte se explica pelos jovens que mudam de religião e que reafirmam seu pertencimento “às igrejas evangélicas, às novas religiões japonesas, ao Budismo e, também, a grupos católicos ligados à Teologia da Libertação ou à Renovação Carismática.” (NOVAES, 2004, p. 3).

Ademais, a autora também alerta que, apesar das evidências das estatísticas, deve-se sempre ter a interpretação sociológica, sendo necessário três principais cuidados, como o de compreender os sentidos das palavras utilizadas (“ateu”, “não ter religião” etc.) no interior do campo religioso em transformação; além de respeitar os trânsitos já feitos e aos momentos de passagens entre religiões, uma vez que as pesquisas “[...] só permitem apreender percursos e processos nas trajetórias dos entrevistados quando se faz mais de uma pergunta sobre o tema religião” (NOVAES, 2004, p. 5); bem como o respeito à necessidade de bem caracterizar as mudanças ocorridas na sociedade brasileira que tornam recorrente o pluralismo religioso intrafamiliar:

Partilhando um certo espírito de época, os jovens desta geração estão sendo chamados a fazer suas escolhas em um campo religioso mais plural e competitivo. Os “sem religião” podem ser pensados como expressões locais de um global “espírito da época” no qual se expande o fenômeno de adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinam-se práticas ocidentais e orientais, não apenas no nível religioso, mas também terapêutico e medicinal. (NOVAES, 2004, p. 5).

Nesse sentido, é interessante analisar o campo fecundo no qual os jovens, hoje, estão inseridos em relação às diversas possibilidades de religiosidades, do mesmo modo que existe a possibilidade de combinar diferentes espiritualidades em uma síntese “pessoal e intransferível”, abrindo novas possibilidades sincréticas (Novaes, 2004). Um exemplo é a maior aproximação frente à umbanda, candomblé ou espiritismo. Além do mais, a partir de pesquisas, há novas combinações entre crenças e práticas mediúnicas com o “universo Nova Era”, como se observa em lojas esotéricas que misturam essas crenças. Outro fator importante a se lembrar, como enfatiza a autora, é a globalização do campo religioso, ou seja, as crenças “circulam, são apropriadas e reapropriadas”; em sua pesquisa Jovens do Rio, ela observou também que há jovens que acreditam em Orixás como no Espírito Santo, ou então são católicos e acreditam na reencarnação e/ou em energias esotéricas, do mesmo modo que aqueles que se declaram “sem religião” acreditam em todos os itens oferecidos (astrologia, duendes, energias etc.) (Novaes, 2004).

Já Ecco e Martins Filho (2021), em suas pesquisas, refletem que o grupo “sem religião” pode não indicar um descompromisso com a dimensão religiosa, mas sim a uma construção autônoma desta, ou ainda um “desligamento” às instituições religiosas tradicionais, uma vez que as pessoas deixaram de encontrar nelas narrativas plausíveis para respostas a suas inquietações e às demandas de sentido, experienciando o sagrado sem a mediação de uma instituição (p. 19). Nesse aspecto, o cenário religioso brasileiro mostra-se um mosaico, apresentando espiritualidades que “absorvem e moldam elementos próprios de umas ou outras tradições” e um sistema cultural que “espelha o sincretismo e a extrema capacidade adaptativa dos indivíduos, capaz de absorver características externas e transformá-las em função de novos sentidos e significados” (ECCO, MARTINS FILHO, 2021, p. 322).

Os autores ainda consideram que a questão do “sem religião” foi constatada por três características. Primeiro, há as pessoas que se autodenominam assim e são indiferentes à dimensão religiosa (mesmo não optando por “ateu” ou “agnóstico”), mas também não demonstram crenças alusivas ao termo religião. Também há aqueles que, por não saberem precisar seu vínculo a alguma instituição religiosa específica, se enquadram nessa categoria, resultando em um “trânsito religioso”. Por fim, há os sujeitos altamente religiosos, mas que se dissiparam das instituições religiosas, desenvolvendo uma espiritualidade particular, resultando em um “crente sem religião” – o que pode ser resultado, segundo os autores, dos processos de secularização, que no Brasil é característico por sua particularidade, de tal modo que “a crença religiosa parece subsistir como um importante instrumento de manutenção de sentido não apenas em nível individual, mas social” (ECCO; MARTINS FILHO, 2021, p. 314). Ou seja, os indivíduos

buscam pela manutenção de uma dimensão simbólica, mas sem, necessariamente, se vincular à ordem ou hierarquia do modelo institucional tradicional.

Também há em Ecco e Teles Lemos (2022) um esforço em traçar um perfil da categoria “sem religião”, a partir da perspectiva da busca pelo sentido (Corbì, 2001; Berger e Luckmann, 2004; apud Ecco e Lemos, 2022). Em sua pesquisa realizada no curso de Psicologia Transpessoal ofertado pela UNIPAZ (Goiás) a respeito da questão, os investigadores trazem dados interessantes para fomentar a discussão, como a variedade de expressões religiosas e de presença de religiões de cunho espiritualista como resultado; além disso, sem necessariamente ter uma fidelidade a uma mesma confissão e/ou modalidade religiosa, pois há pessoas que visitam e participam de várias religiões ao mesmo tempo.

Sendo assim, outro aspecto relevante que foi obtido pela pesquisa foram as experiências religiosas dos entrevistados, sendo também variadas. Nelas, há os de cunho espiritualista (“uma vivência universalista que integra espiritismo e outras religiões espiritualistas” (ECCO; LEMOS, 2022, p. 344), por exemplo), assim como de caráter individual (meditação, preces, cultos no lar, “conversas com Deus”), como também guiadas pelos valores que cultivam (religião é amor, compaixão) e, finalmente, aqueles que são classificados como sem fidelidade a tradição e formas ritualísticas (como exemplificado no seguinte relato do texto: “[...] há uma mescla de rituais em minha espiritualidade. Rezo pai nosso, ave maria, santo anjo ao mesmo tempo acredito em entidade que me guie (meu preto velho), também faço rituais de limpeza e energização (IM)” (ECCO; LEMOS, 2022, p. 344).

Desse modo, percebe-se que as categorias “sem religião” ou “sem religião, mas com crença” não são unívocas e muito menos representam apenas um tipo de explicação ou compreensão do fenômeno, do mesmo jeito que não existe um perfil homogêneo de pessoas adeptas a isso, mas representam uma mudança no cenário religioso no Brasil, mais plural e que contempla diversos tipos de crenças, manifestações e ritos.

A partir disso, é importante salientar que, de modo geral, alguns autores já discutiram a respeito da constituição desse processo e podem dar pistas para melhor compreender como esse fenômeno foi se constituindo no Brasil, pensando-o enquanto uma categoria que abarca uma diversidade de maneiras de como se experimentar o sagrado, assim como a diversidade de experiências religiosas. Com isso, pode-se refletir a respeito do surgimento “universo Nova Era”.

Nesse sentido, a concepção weberiana acerca de secularização, a qual, de forma breve, tem como fundamento o processo histórico que constitui a separação jurídica-política-econômica entre a esfera do domínio religioso e a esfera estatal, caracterizando a modernidade pelo uso da razão objetiva instrumental e de um afastamento do pensamento tradicional, emerge como um ponto crucial e paradoxal na atualidade, especialmente pensando no cenário brasileiro. Debates contemporâneos sugerem algumas problemáticas vinculadas a essa concepção (BERGER, 1985; CASANOVA, 1994; MONTERO, 2009) e admitem outros termos que melhor elucidam os fenômenos e contradições provenientes das sociedades ocidentais em relação ao campo religioso.

Berger (2000), por exemplo, acredita que o declínio da influência da religião proveniente pela secularização é falso, pois há lugares no mundo ferozmente religiosos; além disso, compreende que este fenômeno abrange também a mentalidade das pessoas, ou seja, diz respeito às crenças e práticas religiosas na sociedade. Portanto, ele pensa esse processo como uma sociedade “dessecularizada”. Paralelamente, Casanova (1994) evidencia as variadas maneiras pelas quais a secularização se configura ao longo do processo histórico e das sociedades, cujas características variam em decorrência de suas diferenças. Ele agrupa essa análise em três categorias, a rigor: “secularização como diminuição das práticas e crenças; secularização como privatização da religião; e secularização como emancipação das esferas seculares (estado, economia, ciência) da legitimação religiosa” (Neves; Wachholz, 2019, p.7).

Já Montero (2009) avalia que o paradigma weberiano acerca da secularização e suas implicações éticas ainda são um impasse na sociedade brasileira, uma vez que a influência religiosa teria se deslocado para o mundo privado e para as consciências individuais. No entanto, a autora não exclui completamente a noção weberiana, mas pensa que seja necessário compreender de que maneira cada processo histórico particular produziu a ruptura da esfera secular do domínio religioso, que é inerente ao processo de modernização das sociedades. No Brasil, pensa-se a partir desta elucidação a questão emblemática sobre a atuação religiosa (tal qual a cristã) na esfera pública, como no Congresso Nacional e na participação de áreas como educação, saúde e nas concessões de rádio e televisão, entre outros (Neves; Wachholz, 2019).

Com isso, é necessário lembrar também do conceito cunhado por Max Weber de “desencantamento do mundo” – sendo importante respeitar a complexidade de sua compreensão e uso – tornando-se relevante para a abordagem deste estudo, já que as manifestações a partir do uso das mídias, tais como as redes sociais, de rituais e menções à magia, à espiritualidade, ao esoterismo, bem como ao “espírito *new age*”, podem ser pensadas a partir desse termo. Segundo Pierucci (2005), isto refere-se a um mundo em que há uma “desmagificação” e/ou perda de sentido, variando as acepções dependendo

da questão da qual se está abordado, mas que presume duas forças de atuação: a religiosa (que atua pelas vias de salvação) e a científica (uma força empírico-intelectual, que transforma o mundo em um mecanismo causal através do desencantamento). Ou seja, isso ocorre quando os elementos mágicos do pensamento são repelidos do contexto religioso, a partir dos processos de racionalização, e quando as ideias vão ganhando consistência sistemática. Dessa maneira, observa-se que o desencantamento faz com que as religiões, em certo sentido, se despojem da magia e de seu sentido mágico para que haja uma formação de uma conduta ética, isto é, a eticização, em direção a um sentido totalizante, único, duradouro; elas carregam uma força de “moralização religiosa do cotidiano”, enquanto a magia “não assenta um *habitus* sagrado permanente” (PIERUCCI, 2005, p. 88). A ciência, por outro lado, opera através do desencantamento pela formação do conhecimento racional empírico:

Primeiro a religião (monoteísta ocidental) desalojou a magia e nos entregou um mundo natural “desdivinizado”, ou seja, devidamente fechado em sua “naturalidade”, dando-lhe, no lugar do encanto mágico que foi exorcizado, um sentido metafísico unificado, total, maiúsculo; mas depois, nos tempos modernos, chega a ciência empírico-matemática e por sua vez desaloja essa metafísica religiosa, entregando-nos um mundo ainda mais “naturalizado”, um universo reduzido a “mecanismo causal”, totalmente analisável e explicável, incapaz de sentido objetivo, menos ainda se for uno e total, e capaz apenas de se oferecer aos nossos microscópios e aos nossos cálculos matemáticos em nexos causais inteiramente objetivos mas desconexos entre si, avessos à totalização, um mundo desdivinizado que apenas eventualmente é capaz de suportar nossa inestancável necessidade de nele encontrar nexos de sentido, nem que sejam apenas subjetivos e provisórios, de alcance breve e curto prazo. (PIERUCCI, 2005, p. 145).

Enfim, as contradições provenientes no raciocínio de um mundo “desencantado” e “secularizado” demonstram ser no mínimo curioso o que é apresentado na era da informação e da conectividade constante, reconfigurando, muitas vezes, a própria maneira como as religiões se apresentam e fazendo, do mesmo modo, surgir e/ou ressurgir movimentos mais autônomos e livres para expressar a relação com o sagrado. Se hoje presencia-se inúmeras formas de conteúdos propagados na internet que proclamam a importância da(s) espiritualidade(s), assim como exprimem uma diversidade de sentidos e movimentos – os quais podem ser condensados pela leitura da interpretação do movimento Nova Era – é possível, a partir desses referenciais teóricos, obter uma baliza que oriente como e por que tais expressões vão ganhando notoriedade e força. Portanto, a questão que elucida os processos e transformações no cenário religioso brasileiro que demonstram o pluralismo religioso, destacando a aparição do grupo censitário do “sem religião” (o que inclui e engloba o pensamento Nova Era), podem ser apreendidas pela secularização, por exemplo, e pelo “desencantamento do mundo”,

desenhando possíveis caminhos nos quais foram se configurando e moldando essas relações; no entanto, é necessário estar a par de outros entendimentos a respeito dessa questão, sobretudo a partir da ideia que surgiu na literatura acadêmica de “reencantamento do mundo”.

Neste aspecto, parece ser mais prudente compreender o pensamento weberiano de “desencantamento do mundo” enquanto um sintoma de um diagnóstico difícil de ser dado e que necessitaria de atualizações em relação aos problemas contemporâneos. Nesse sentido, o “reencantamento” aparece como “um processo de emancipação das forças relegadas como inferiores, constantemente exploradas e dominadas pelo sistema capitalista patriarcal, tais como a terra, as mulheres, as populações não brancas, as crianças, os seres não humanos” (MENEZES DE FARIA, 2022, p. 91). É uma perspectiva que questiona a predominância, na modernidade ocidental, do racionalismo científico hegemônico, o que acaba excluindo outras cosmologias e entendimentos da realidade, instaurando verdades únicas, ou seja, “na modernidade ocidental desencantada, verdade e ciência passam a existir no singular, e as experiências de sensibilização, imaginação, fabulação e magia não são mais abarcadas como legítimos meios de produção de realidade e de verdade.” (MENEZES DE FARIA, 2022, p. 91). Um exemplo de expoente que identificou essas relações foi Silva Federici (2017), a partir de sua perspectiva feminista e de categorias marxistas, indagando os processos constitutivos e fundadores da ciência moderna e sua relação com o capitalismo:

Ao tentar controlar a natureza, a organização capitalista do trabalho devia rejeitar o imprevisível que está implícito na prática da magia, assim como a possibilidade de se estabelecer uma relação privilegiada com os elementos naturais e a crença na existência de poderes a que somente alguns indivíduos tinham acesso, não sendo, portanto, facilmente generalizáveis e exploráveis. A magia constituía também um obstáculo para a racionalização do processo de trabalho e uma ameaça para o estabelecimento do princípio da responsabilidade individual. Sobretudo, a magia parecia uma forma de rejeição do trabalho, de insubordinação, e um instrumento de resistência de base ao poder. O mundo devia ser “desencantado” para poder ser dominado. (FEDERICI, 2017, p. 313 apud MENEZES DE FARIA, 2022, p. 92).

Dessa maneira, parece, em parte, que hoje há um questionamento maior em relação a uma “ciência hegemônica”, que aos poucos foi desencantando práticas e saberes que antes davam sentido à vida e aos sujeitos. A própria lógica de acumulação e de produção do capitalismo, ancorada em um racionalismo científico, acaba anulando certas experiências de se pensar a existência. Nesse ponto, as práticas espirituais aparecem como um “reencantamento”, produzindo ressignificações e ritualizando a vida, tornando-a mágica novamente. Portanto, é possível pensar em como o movimento Nova

Era torna-se uma “demonstração de fé na contemporaneidade” (Birchal, 2006), já que a busca pelo sagrado em um mundo de incertezas torna-se uma forma de sacralizar o próprio ser humano por meio de um saber místico e transcendental, através não de instituições tradicionais, mas pelo esoterismo, ocultismo e magia, por exemplo. A internet e as redes sociais, em certo sentido, alavancaram muito essa “ressurreição” dos elementos espirituais e mágicos, ou seja, nelas foram possível ter, na palma da mão, informações que antes se restringiriam a um grupo, por exemplo, além de ter sido uma maneira de congregar pessoas que, de igual maneira, buscavam outros sentidos para se conectar com a existência.

2 DA INTERNET ÀS REDES SOCIAIS: UM MUNDO HIPERCONECTADO

A expansão da tecnologia e da informação vêm transformando o mundo. Não só as pessoas tiveram um maior acesso a diversos tipos de materiais e ideias como nunca, mas também puderam se relacionar e se comunicar perante a internet e as mídias de forma geral, criando, inclusive, uma “cultura digital” e modificando a linguagem. Nesse aspecto, o Brasil foi considerado um dos maiores consumidores de redes sociais do mundo, segundo os dados da *We Are Social e Meltwater* (2024). Cerca de 66,3% (144,0 milhões) da população total são usuários de mídias sociais e 87% são usuários de internet (187,9 milhões). As redes sociais mais utilizadas são *Whatsapp* (147,0 milhões), *Youtube* (144,0 milhões), *Instagram* (134,6 milhões), *Facebook* (111,3 milhões) e *Tik Tok* (98,59 milhões). É interessante pensar, portanto, como isso se reflete na vida dos brasileiros e quais os possíveis efeitos desse consumo.

Por sua vez, Pierre Lévy (2000) desmistifica a tecnologia como algo que tem uma origem autônoma, isto é, que não precisa ser analisada como um produto criado ao longo da história, mas propõe que a sociedade é condicionada (não determinada) por suas técnicas. Essa ideia é fundamental para compreender as relações humanas presenciadas pelo intermédio do ambiente digital nos dias de hoje, já que:

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material - e menos ainda sua parte artificial - das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. (LÉVY, 2000, p. 22).

Dessa forma, esse entendimento alicerça o que ele conceituou como cibercultura, cuja definição é dada por um “conjunto de técnicas (materiais e imateriais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2000, p. 17). Ciberespaço, portanto, é definido pelos sistemas de redes de máquinas interligadas e a dinâmica dos usuários, baseadas na disseminação da informação, no fluxo de dados e nas relações sociais a partir disso geradas.

Outro ponto relevante são os três princípios norteadores do ciberespaço: a interconexão (um contínuo sem fronteiras, uma comunicação interativa), as comunidades virtuais (que são construídas por meio de interesses em comuns, ou seja, um processo colaborativo de conhecimentos mútuos, superando, muitas vezes, as localizações

geográficas) e a inteligência coletiva, isto é, o “estabelecimento de uma sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais [...]” (LÉVY, 2000, p. 28).

Apesar da expansão, conexão e aprimoramento que a tecnologia e, sobretudo, a internet possibilitaram, criando configurações e formas de se relacionar, é necessário pensar também o que essas dinâmicas vêm acarretando na vida das pessoas de forma pujante. A partir dessa integração e da alta comunicabilidade que as redes forneceram, presencia-se uma alavancada do uso de ferramentas de ordem pessoal que permitem a interconexão e o compartilhamento coletivo de informações e conteúdos, como as mídias sociais – os usuários consomem e produzem, ao mesmo tempo, as informações, expondo-se de forma pública e fazendo laços por meio de interesses em comum, compartilhando o conhecimento. Embora haja diversas definições do que seriam as tais mídias sociais, pode-se dizer, segundo Clementi, Santos, Freire e Bastos (2017, p. 459), que elas se diferenciam das outras tecnologias de informação pela “possibilidade de o usuário expor conteúdo de forma pública e com isso até criar laço com outros usuários que tenham interesse em comum o que propicia a disseminação e o compartilhamento de conhecimento.”

Nesse aspecto, quando se menciona as “redes sociais” lembra-se das definições de Castells (os “nós”), mas é pertinente deslocar essas compreensões para a formação da rede social *online*. Zenha (2017, p. 24) postula que isso pode ser lido como “o ambiente digital organizado por meio de uma interface virtual própria (desenho/mapa de um conceito) que se organiza agregando perfis humanos que possuam afinidades, pensamentos e maneiras de expressão semelhantes e interesse sobre um tema comum”. Neste ambiente, são notórias as múltiplas expressões de opiniões, trocas de ideias, interações, conversas, conhecimentos, o que se torna interessante como uma forma de apresentação das relações humanas pela interface de uma plataforma online. Nesse sentido, ela exprime uma “organização social”, conectando pessoas, contraindo o espaço/tempo e permitindo, portanto, a expansão dos afetos e do relacionamento humano.

Lévy, nesse sentido, tem uma perspectiva positiva em relação a isso, a partir de sua definição de “inteligência coletiva”, sendo uma forma de impulsionar o desenvolvimento humano, chegando a um ciclo virtuoso auto-organizado, mas não somente. O autor acredita que pela ascensão do computador em nuvem, a *big data*, o desenvolvimento da economia do conhecimento, dentre outros, aumentaria a capacidade cognitiva, levando a uma inteligência mais avançada, a reflexividade, com o seu ideal de inteligência algorítmica. Isso demandará a construção ou modelagem de uma nova

camada das subjetividades humanas, ou seja, “no campo sensorial dilatado da civilização do futuro, simulação digital e realidade aumentada vão se misturar com fluidez e darão origem a ecossistemas de ideias geradas pela inteligência algorítmica em torno de pessoas, comunidades, lugares, objetos concretos e temas de aprendizagem.” (LÉVY, 2016, p. 140).

Entretanto, não são poucos os(as) autores(as) que não conseguem vislumbrar essa dimensão positiva, principalmente porque não se pode apagar simplesmente as relações de poder que estão imbuídas nas redes. Muito menos o consumo e, cada vez mais, o monitoramento e vigilância em uma “Economia Psíquica dos Algoritmos” (BENTES; BRUNO, 2019, p. 5) que designam como:

O investimento contemporâneo – tecnocientífico, econômico e social – em processos algorítmicos de captura, análise e utilização de informações psíquicas e emocionais extraídas de nossos dados e ações em plataformas digitais (redes sociais, aplicativos, serviços de streaming, plataformas de compartilhamento e/ou consumo de conteúdo audiovisual etc.). As informações que interessam ao veloz capitalismo de dados não são mais apenas os rastros de nossas ações e interações (cliques, curtidas, compartilhamentos, visualizações, postagens), mas também sua “tonalidade” psíquica e emocional. É esta economia psíquica e afetiva que alimenta as atuais estratégias de previsão e indução de comportamentos nas plataformas digitais (e eventualmente fora delas).

Ou seja, os dados se tornaram uma nova “moeda” para negócios centrados nas plataformas e aplicativos digitais. Com isso, consegue-se traçar ou delimitar perfis de pessoas similares por meio de um teste de personalidade, gerando uma correlação entre dados e orientando conteúdos cada vez mais específicos e convenientes a indivíduos particulares. Por meio dessas técnicas, o objetivo também se concretiza ao fazer o usuário ficar o maior tempo possível na plataforma, através da economia de atenção – com o excesso de estímulos visuais e informacionais, a atenção se torna um recurso escasso e, portanto, disputado e valioso. Zuboff (2019) define esta era como “capitalismo de vigilância”, baseando-se na lógica que as empresas se utilizam para vigiar os usuários e prever/modificar seus comportamentos, aumentando o interesse por produtos, como também de influenciar nas opiniões acerca de temas políticos.

Nesse sentido, encaixa-se o termo hiperconectividade, cuja ideia é o acesso às mais diversas ferramentas online e o uso desmedido das tecnologias digitais, resultando, inclusive, em dependência. Não apenas a exposição constante das redes sociais e do mundo online, como também a perambulação de ambientes que são contemplados pela Internet das Coisas (IoT), isto é, aparelhos, dispositivos, eletrônicos utilizados no dia a dia, tais como televisão, relógios, eletrodomésticos, carro etc. Além dos serviços ofertados

que, muitas vezes, dependem de conexão à internet, como os de bancos.

Muitos pesquisadores já pensaram a respeito das possíveis consequências dessa exposição constante – por exemplo, a discussão que gira em torno do “tecnoestresse”, considerada como um sintoma que compromete a saúde dos indivíduos, causando uma desregulação do sistema cerebral – inclusive nos ambientes de trabalho, tal qual a dificuldade de se desconectar para conseguir relaxar, misturando o tempo de trabalho e descanso.

A partir dessas considerações, é possível apreender, portanto, que quando se reflete na questão que envolve os movimentos da Nova Era propagados por meio das redes sociais, é crucial pensá-los enquanto parte da revolução tecnológica e informacional presenciadas hoje, permeada não apenas pela ideia de comunidade enlaçada por interesses comuns, mas que também se traduz em como as pessoas vinculadas à Nova Era são conduzidas a partir da lógica da economia dos algoritmos e o que isso produz.

3 CARACTERIZAÇÃO DA NOVA ERA

Para compreender como ocorre um crescente interesse a respeito de conteúdos relacionados à espiritualidade e/ou ao esoterismo, que circunscrevem os movimentos da Nova Era, é interessante levar em consideração alguns pontos e voltar na história para compreender como se chegou até aqui, ou seja, como esses movimentos foram ganhando força no Brasil. Neste ponto, embora haja uma atenção voltada para a religião católica e para o crescimento do cenário neopentecostal no país como predominantes no cenário religioso, pode-se pensar na hipótese de movimento e/ou processo de desinstitucionalização, que fabricaria essa busca ou esse “espírito” por novas modulações em relação ao sagrado, a qual se focaria no autocentramento do sujeito. Com isso, torna-se necessário buscar quais são as raízes desse dilema na modernidade ocidental, por meio de um breve balanço.

Em primeiro lugar, é necessário pontuar que o estudo acadêmico a respeito do Esoterismo Ocidental é relativamente recente, por volta da década de sessenta. Pesquisadores como Frances Yates (pioneira no estudo de hermetismo), Antoine Fraive, Wouter Hanegraaff, Jean Pierre Laurent, Juan Pablo Bubello, entre outros, no âmbito internacional ganharam notoriedade; já no Brasil destacam-se nomes como Otávio Vieira, Vitor Oliveira, Francisco Mendonça Filho, Fábio Mendia e Carlos Abreu. Esse interesse se deu principalmente no campo historiográfico, especialmente a partir da difusão dos movimentos esotéricos no ocidente, como a Nova Era, sobretudo com a aparição de pensamentos de esoteristas famosos, tais como Helena Blavatsky (1831- 1881), Aleister Crowley (1875-1947), Krishnamurti (1985-1986) (Sampaio, 2020). A consolidação da pesquisa acadêmica se deu com a fundação de cátedras específicas ao estudo do esoterismo em Paris, Exeter e Amsterdã (Mendonça, 2015). Em 2011, na América Latina, fundou-se o grupo *Centro de Estudios sobre el Esoterismo Occidental - CEEO-UNASUR*, reunindo trabalhos acadêmicos na revista *Melancolia*.

Segundo Mendonça (2018), foi Antoine Fraive que construiu a definição mais aceita academicamente para o Esoterismo enquanto um fenômeno histórico. Nesse aspecto, há seis características particulares: quatro delas intrínsecas e duas relativas. Caberia a definição deste fenômeno “ao apresentar correspondências, simbólicas ou reais; ao entender o universo como uma “natureza viva”; ao utilizar a imaginação e mediações como formas de se acessar os diferentes níveis da realidade e ao incorporar a experiência da transmutação, sendo esses quatro elementos fundamentais para se identificar um fenômeno histórico como esotérico” (MEDONÇA, 2018, p. 27). Além destes, também seria necessário ter uma práxis de concordância, ou seja, buscando estabelecer conexões com

as mais diversas correntes esotéricas, assim como a defesa da transmissão, isto é, entendida como necessária e indispensável relação entre mestre e discípulo para o sucesso da transmissão da sabedoria esotérica (Mendonça, 2018).

Já Hanegraaff (1996) propõe uma análise histórica do Esoterismo Ocidental por meio da “semelhança familiar”, o que diz respeito aos movimentos esotéricos ao longo da história que possuem distintas especificidades, embora estejam, ao mesmo tempo, ligados à tradição que os originou. Segundo Sampaio (2020), pode-se dizer que as origens deste fenômeno estão localizadas entre os séculos XIV e XVI, na Europa, que sofreu forte influência do Renascimento, por meio da retomada de ideias associadas à cultura latina Greco-Romana no período, tais como a filosofia helenística, o estoicismo e o antropocentrismo, também em contraponto à visão teológica pregada pela Igreja Católica durante a Idade Média. Justamente por entender que não se pode pensar o esoterismo enquanto um fenômeno estático, pode-se dizer que, se por um lado um movimento esotérico durante a Nova Era se apresenta de maneira distinta da sua tradição esotérica do período renascentista, “isto não elimina as conexões com a sua corrente de origem. Pelo contrário, mostra como um movimento esotérico pode construir seu próprio entendimento a respeito da tradição que está inserida” (SAMPALIO, 2020, p. 45).

É necessário pontuar também que, para tal difusão do Esoterismo Ocidental, foi preciso o declínio da hegemonia cristã, desencadeando ateísmos, agnotiscismos, anticristianismos que alavancaram o movimento esotérico (DUARTE; COGNALATO, TAVARES; 2010). Isso permitiu um novo olhar para as religiões mundiais, tornando a pluralidade uma forma de recomposição do campo religioso na modernidade; além do mais, do século XVII até o início do XX, o universo místico-esotérico e o da magia dissociaram-se da religião (em certos contextos, as religiosidades se aproximavam do oculto, místico, esotérico), bem como da discussão científico-racional. Estes conhecimentos foram se tornando “conteúdos herméticos”, não aceitos tanto pelo cristianismo como pela ciência ortodoxa, muitas vezes analisados por vias preconceituosas (DUARTE; COGNALATO, TAVARES; 2010).

A partir disso, pode-se trazer à tona a relação para o território brasileiro de como ocorreu a difusão do Esoterismo Ocidental, o qual incidiu no movimento Nova Era, por meio de transformações culturais entre os anos de 60 e 80 (os anos da contracultura), possibilitando que isso abrisse a oportunidade para novos pensamentos, expressões de religiosidades e espiritualidades – representações que o Esoterismo Ocidental adquiriu (Sampaio, 2020). O retorno a esses princípios e valores pode ser definida como uma nova atenção à experiência religiosa, mais centrada nas subjetividades. Nesse sentido, o movimento de contracultura foi um cenário favorável para o florescimento do movimento novaerista, sobretudo pelo questionamento da ordem e do tradicionalismo, assim como

do individualismo e do capitalismo e que clamava por uma nova “consciência” em relação à vida, abrindo margem para o surgimento de novas experiências espirituais e místicas, uma “nova consciência religiosa”. Este movimento iniciou-se nos Estados Unidos e foi se espalhando para países ocidentais, chegando também ao Oriente Médio e à América Latina:

Além das já citadas manifestações do período pela liberdade de expressão, pelos direitos das mulheres e negros, pela liberação sexual, pelo movimento pacifista e anti-guerra, pela defesa da ecologia e o combate a autoritarismos de todos os tipos, a contracultura abarcava também a experimentação e o uso de substâncias lisérgicas e drogas mais leves, como a maconha, a disseminação de práticas esotéricas vindas do Oriente, novas bandas pop, de rock e folk, e a formação de comunidades alternativas nas quais comunidades hippies passariam a se formar, longe dos grandes centros urbanos, em busca de uma vida livre e comunitária integrada à natureza, independente e longe dos grilhões da civilização e do “sistema”. (ILARI, 2017, p. 2).

Por meio dessa influência direta do movimento contracultura, a Nova Era não necessariamente implica ser uma religião, embora isso seja alvo de inúmeros debates. Guerriero, Mendia, Costa, Bein e Leite (2016, p.11) formulam que não há concretamente estabelecido na Nova Era elementos como uma “estrutura hierárquica, as práticas ritualísticas, os calendários, os conjuntos de dogmas e conhecimentos convencionalmente considerados como aceitos ou oficiais”, típicos da religião. O que mais corretamente pode-se apreender a partir desse movimento é um novo *ethos*, ou seja, um conjunto mais amplo de valores que perpassa a sociedade moderna. No entanto, mesmo uma pessoa estando em uma religião específica, ela pode expressar valores e atitudes da Nova Era: “trata-se de uma mudança bastante profunda no campo dos valores e que, de acordo com pesquisadores que estudaram a Nova Era após o ano 2000, não recebe a devida atenção pelos acadêmicos, tanto da área de estudos de religião, como dos estudos da cultura em geral” (Bein; Costa; Guerriero; Mendia; Leite, 2016, p. 11).

Além disso, autores como Hanegraaff distinguem a expressão Nova Era em duas etapas: sentido estrito (a expectativa milenarista de uma nova época diferente e melhor que a atual, ocorrida entre os anos de 1950 e 1970) e sentido amplo (em que essa expectativa, na verdade, só aparece no nome, porque se centra no presente imediato, ocorrida após os anos 80) (HANEGRRAFF, 1996 apud Bein; Costa; Guerriero; Mendia; Leite, 2016). Nesse aspecto, o sentido estrito (*stricto sensu*) teve como origem os cultos aos OVNIs dos anos cinquenta e a crença apocalíptica da Era de Aquário relacionada à astrologia, em que o planeta estaria entrando em uma nova fase com características espiritualistas e pacíficas, promovendo uma visão unitarista em

contraposição à Era de Peixes, cuja orientação é dualista e materialista; geralmente, grande parte desse movimento se organizou através de comunidades alternativas, rejeitando a cultura dominante (Bein; Costa; Guerriero; Mendia; Leite, 2016). Já o sentido amplo (*lato sensu*) diz respeito a uma influência, sobretudo, comparativamente maior da contracultura californiana; principalmente a partir de múltiplas pessoas que começaram a perceber similaridades de ideias e procuras alternativas, imaginando-as enquanto um movimento. Por isso, “as tradições americanas de uma nova metafísica, principalmente a partir do Movimento Novo Pensamento, adquiriram um peso superior no interior do movimento em relação ao esoterismo anteriormente cultuado” (HANEGRRAFF, 1996 apud Bein; Costa; Guerriero; Mendia; Leite, 2016, p. 13).

Entretanto, ainda que exista essa proximidade dos novaeristas com políticas alinhadas a um sentido progressista (e/ou mais “à esquerda”) e contra-hegemônicas – o que pode ser constatado nas pesquisas de diversos autores, tais quais De Aquino (2021), Sigolo (2019) e Sztutman (2018), sobretudo pela ideia de que haveria uma “nova esquerda”, caracterizada pela busca de formas alternativas de manifestações –, autores como Hida e Stern (2022) trazem uma discussão pertinente em relação a essa perspectiva, analisando o caso de Luiz Antonio Gasparetto, uma figura da Nova Era brasileira. Luiz Gasparetto era filho da famosa médium e escritora espiritualista Zíbia Gasparetto, levando-o a aparecer em programas de televisão famosos e ser conteúdo de documentários de emissoras populares, como a Globo, RedeTV! e SBT. Apesar disso, ele rompeu com o espiritismo após estudar na Califórnia, entrando em contato com o movimento da Nova Era na linhagem descrita por Hanegraaff como “sentido amplo” (*lato sensu*), desencadeada após os anos 80. Foi influenciado também por focar mais no sujeito e a força dos seus pensamentos. Em seu programa de TV, Terceira Visão (1986-1988), ajudou a popularizar nomes como Mônica Buonfiglio, João de Deus e Marcia Fernandes. Em Sexto Sentido (1989-1990), seu outro programa de televisão, focava em temas esotéricos e na literatura de autoajuda no Brasil. Também teve um programa de auditório na Rede TV (2005-2008), em que, a partir de um método esotérico particular, ajudava os participantes a resolver seus problemas. Além disso, ficou conhecido por disseminar o termo “metafísica”, por meio de sua crença de que tudo que é manifestado pela matéria ecoa sua origem a partir do universo metaempírico. Do mesmo modo, pregava a “autorresponsabilidade” para, por exemplo, ter uma vida próspera, por meio de uma espiritualidade coerente, conquistada pelo mérito. Além do mais, formou-se em Psicologia, mas renunciou seu registro do Conselho Regional de Psicologia para se definir como professor da Nova Era, vendendo áudios, CDs, abordando sempre a importância do individualismo e contra os “vitimistas” que não conseguem alterar sua realidade. (Hida; Stern, 2022).

Gasparetto pregava que o paternalismo e o protecionismo, duas coisas fortemente condenadas por Locke, fomentam a revolta e a discórdia entre as classes sociais. Segundo seus ensinamentos, os ricos precisam ser respeitados porque geram empregos e um fluxo de abundância para a sociedade. Quando as classes trabalhadoras “invejam” os mais afortunados, acabariam por afastar a prosperidade de si. Gasparetto (1994, p. 18) acreditava que o “pobre é pobre mesmo porque pensa pobre e seu universo pessoal é mesquinho”. Para ele, os desfavorecidos da sociedade assim o são porque acreditam serem limitados, sem consciência de seus potenciais e porque estão em um estado de ignorância das leis cósmicas. (HIDA; STERN, 2022, p. 394).

Gasparetto, além de fazer duras críticas ao socialismo e defender a liberdade de expressão e o livre mercado, sendo também contra as cotas e políticas sociais em geral, também criticava o assistencialismo social proporcionado pelo espiritismo, pois acreditava que a proibição do uso comercial da mediunidade tornava-o antiquado, preso a valores católicos e do século XIX. Dessa forma, ele não se considerava espírita, “mas criador de um novo movimento esotérico em que o crescimento espiritual estava intimamente ligado ao empreendedorismo, à autonomia, à independência emocional e ao sucesso material” (HIDA; STERN, 2022, p. 394). Dessa forma, Gasparetto tornou-se uma das maiores referências na literatura esotérica do Brasil, formando discípulos de seu pensamento, como é o caso de Maria Aparecida Martins, professora e palestrante de cursos da Nova Era, combatendo ideias que considera de esquerda. Aborda assuntos como “mediunidade não-religiosa”, assim como os orixás, retirando-os de suas tradições originais e descontextualizando-os, redirecionando-os para conceitos orientalistas e eurocêntricos (Hida; Stern, 2022).

A partir desses indicadores, é possível cogitar que o movimento Nova Era vem se transformando, com adeptos mais alinhados a uma cultura conservadora e de direita. Ademais, é interessante lembrar no período pandêmico a exposição de grupos antivacinas vinculados a movimentos espiritualistas, o que não surgiu do acaso. Na verdade, esse tipo de “reação” já vem sendo investigado, sobretudo por Charlotte Ward e David Voas, que em 2011 cunharam o termo “conspiritorialidade”, isto é, a junção das palavras “conspiração” e “espiritualidade”, desenvolvido para analisar o fenômeno social das teorias da conspiração e da ligação a movimentos espirituais contemporâneos típicos da Nova Era, tendo se formado em ambiente digital. Nesses grupos, segundo os pesquisadores, a conspiração gira em torno de acreditar que um grupo estaria agindo para assumir o controle da ordem social e política global; sendo assim, somente o despertar de uma nova consciência planetária poderia desativar essa situação, por meio da mudança de paradigma nas mentes e estilos de vida dos indivíduos.

Em relação à Nova Era e às novas facetas das religiosidades e da espiritualidade, torna-se pertinente mencionar que é um termo de difícil definição e apreensão. A relação

com a pós-modernidade também não é óbvia, dado que muitos princípios que regem esses movimentos têm origens longínquas, bastando pensar no caso da propagação da prática de magia antiga. Nesse aspecto, é possível mapear alguns tipos de estudos: os que buscam definir a Nova Era no sentido estrito, por meio do pensamento esotérico ocidental, bem como os que almejam analisá-la no sentido mais amplo, tal qual um componente geral da cultura da pós-modernidade, isto é, um *ethos* presente na cultura atual (Godoy, Maestá, 2021).

A ligação com o pós-moderno pode ser descrita a partir de algumas características. Brandão (2021, p.17) se detém a essa temática, definindo a cultura pós-moderna, a qual pode ser compreendida a partir da perspectiva do múltiplo (diversas nomenclaturas e abordagens), mas que é dada por um fator importante: a transformação social ocasionada pelo desenvolvimento econômico, tecnológico e científico e que formou uma nova mentalidade:

Dado os distintos e diversos interesses, bem como, variada formação intelectual dos diferentes autores, que se notabilizaram por investigar o que ousamos aqui denominar de condição pós-moderna, são diferentes “nomes de batismo” a esse mesmo conjunto de transformações (às vezes, um mesmo autor dá mais de um): revolução das tecnologias da informação (CASTELLS, 2000), Pós-modernidade ou pós-modernismo (LYOTARD, 1979; VATTIMO, 2007; JAMESON, 1991; BAUMAN, 2013, 2014; HARVEY, 1989; EAGLETON, 1996), Modernidade líquida (BAUMAN, 2014), capitalismo tardio (JAMESON, 1991), capitalismo flexível (SENNETT, 1998) e etc. (BRANDÃO, 2021, p. 17).

A partir disso, o autor traz uma pertinente discussão a respeito da religiosidade e pós-modernidade, o que é oportuno para compreender como a Nova Era e a espiritualidade podem ser vistas neste interim, principalmente pela ideia de um complexo processo de subjetividade do sujeito pós-moderno. Nesse sentido, o pressuposto da “morte de Deus”, um clássico para se compreender o estabelecimento da Modernidade estabelecida por Nietzsche, é reavaliado, uma vez que, segundo Berger, perpetua-se e prolifera-se o sentido religioso. Na verdade, o que pode ser visto pelos sujeitos pós-modernos é um “reavivamento do sagrado”, uma busca por experiências religiosas que se entrelacem aos anseios particulares, dadas as inúmeras mudanças e crises vivenciadas neste período. A questão da secularização, nesse sentido, também é reanalisada, uma vez que a onda e manifestação de diversas religiosidades e espiritualidades parece acender um “reencantamento do mundo”, uma inversão dialética do termo cunhado por Weber, justamente porque o “espírito” do capitalismo parece também ter sido reinventado, já que o sagrado entra na esfera profana da economia capitalista, ocorrido, sobretudo, a partir da Reforma:

Em suma, a vida cotidiana, com a Reforma, é elevada à dimensão divina, não havendo uma separação rigorosa entre o sagrado e o profano, uma vez que o próprio universo do profano é elevado ao divino, com a manifestação do sagrado pelo trabalho capitalista. Se, primeiramente, o desencantamento do mundo dizia respeito ao afastamento da magia à medida que o capitalismo triunfava na modernidade, submetendo tudo à lógica do mercado, por outro lado, há também uma inserção do sagrado no cotidiano pela racionalidade econômica e o trabalho capitalista, em que a ideia de Deus passa a agir através da ordem econômica. (OLIVEIRA, 2022, p. 9).

Desse modo, o que o desencantamento parece acionar não é o fim da religião em si, mas, conforme postula Pierucci (2005), significa justamente o contrário do que dele se esperava, ou seja, o ingresso em um universo pleno de sentido e ordenado pelas ideias religiosas, e não um mundo lido como incapaz de sentido; entretanto, isso ocorreria pelas vias da racionalização econômica e santificação do trabalho.

Com o mundo globalizado, é possível observar mais de perto a transformação das subjetividades, como a falta de referências sólidas e o relativismo, isto é, algo que explicasse de forma convincente as contradições e paradoxos da vida ou que orientasse o humano e lhe desse sentidos para viver. Ao invés, tem-se uma cultura que prioriza o imediato, o fugaz, o consumismo, as aparências... O que é capaz de gerar uma crise existencial, algo que somente a ciência e o racionalismo não são capazes de sanar. Essa “falta” deu espaço para que novas relações pudessem ser estabelecidas, procurando uma resignificação da existência, muitas vezes preenchida pelo consumo e pela interconexão dos meios de comunicação que divulgaram outras filosofias e tradições de vida, como as de originadas no mundo oriental, bem como o enaltecimento dos movimentos Nova Era:

Neste novo deserto da consciência humana, a evolução industrial e as ações mercadológicas encontraram solo fértil para se desenvolverem. Diante delas havia um potencial e vasto mercado consumidor, seres humanos ávidos por algum conteúdo que lhes fornecesse sentido para o viver. Tem início, pois, a corrida desenfreada pelo consumo, a filosofia do “ter para ser”, a idolatria do mercado. Paralelamente, o avanço dos meios de comunicação permitiu ao mundo ocidental acessar o universo oriental, marcadamente místico e pitoresco. Tradições e filosofias do budismo, hinduísmo, xamanismo, druidismo, yôga, hermetismo e tantas outras saltaram aos olhos dos novos consumidores, que enxergaram, nestes conhecimentos, uma possibilidade de resignificarem sua existência. (BIRCHAL, 2006, p. 99).

Sob essa lógica, os sujeitos recorreriam a um mercado de bens simbólicos que melhor satisfizessem suas necessidades e particularidades, por exemplo para obter bens materiais ou espirituais, a partir de uma afirmação positiva do verdadeiro “eu” (Amaral, 2000). Não é à toa também que as correntes *new age* bebem de fontes diversas e têm uma visão holística, a partir de uma junção de conhecimentos ou *gnose* da humanidade,

reconhecendo práticas e conceitos mágicos, esotéricos, ocultos. É um “retorno plural ao sagrado, à dimensão transcendental, num movimento individual que tem por objetivo mover o coletivo rumo a níveis mais elevados de consciência” (BIRCHAL, 2006, p. 99). Nesse aspecto, isso levaria a um consumismo marcadamente por um “mercado religioso”, ofertando produtos e serviços variados e de todos os gêneros que representariam essa busca pelo sagrado, ocasionada pela lacuna existencial humana. Por exemplo, ao perambular pela cidade e se deter a lojas de esoterismo – que vendem uma gama de produtos, desde incensos a estátuas, chaveiros, cristais, pedras, colares, brincos etc.), assim como a imprensa e o mercado editorial, pela publicação de livros de autoajuda e de espiritualidade, além da literatura ficcional e do setor cinematográfico, com produções voltadas para o oculto e o mágico.

Além disso, não se pode esquecer das terapias alternativas ou holísticas que foram ganhando relevância ao longo do tempo, e hoje participam ou adentram o campo medicinal, compreendendo a saúde também pelo viés da espiritualidade. Longe de ser um assunto simples de ser debatido (na realidade, um tanto quanto controverso), Sonia Maluf (2005, p. 149-150) articula principalmente a relação da corporeidade com a Nova Era, estabelecendo como um elemento fundamental de compreensão destas culturas a “[...] emergência de um vasto campo de experiências e discursos voltados para a articulação entre o terapêutico e o espiritual, e a confluência de diferentes práticas e higiênes corporais e saberes (espirituais e terapêuticos) [...]”. No entanto, Toniol (2016) escreve sobre a dificuldade de considerar essa relação enquanto um *a priori* analítico, dado que, embora seja improvável desconsiderar a relevância histórica da associação entre terapias alternativas e a Nova Era, deva-se considerar também um aspecto que está menos visível, isto é, o surgimento de uma agenda política no Congresso Nacional, no caso brasileiro, para a regulamentação da profissão, assim como a emergência de sindicatos de terapeutas holísticos, além da promoção dessas práticas no SUS.

Também há um crescente interesse nas ditas sociedades secretas, ordens iniciáticas e confrarias, evidenciando o “trânsito religioso e o modismo” da Nova Era (Birchal, 2006, p. 101), tais como “a AMORC (Antiga e Mística Ordem Rosa Cruz), a Sociedade Teosófica, a Ordem da Aurora Dourada (Golden Dawn), a Grande Fraternidade Branca, o Movimento Gnóstico; no contexto brasileiro, a Sociedade Brasileira de Eubiose, a União do Vegetal, o Santo Daime e tantos outros.”

Dessa forma, a Nova Era, antes de se constituir enquanto um movimento de fácil apreensão e entendimento – o que é notório dada a diversidade teórica acadêmica que tenta apreender esse fenômeno que não se esgotou na década de noventa nem no início dos anos dois mil, mas, pelo contrário, ressurgiu e intrigou vários outros pesquisadores necessita ser analisada justamente por seu caráter multifacetado e que combina com este

espírito pós-moderno, ou seja, “multicultural, relativista, eclética, nomádica e tolerante, crítica em relação ao racionalismo e aberta à síntese e à experimentação, em caráter subjetivo, de todo tipo de crenças.” (MARTÍNEZ, 2022, p. 41). Crenças estas que se expressam em ideias heteróclitas, crenças em anjos e espíritos, Cristo cósmico etc. Além de um léxico muito específico, tal qual “vibrações e ondas, energia e luz, de harmonia e unidade, de amor e realização de si, de meditação e sabedoria, de tomada de consciência e de aventura espiritual, e que foca na transformação pessoal” (MARTÍNEZ, 2022, p. 41). Martínez ainda ressalta ao menos três vertentes constituintes do movimento Nova Era e que se entrecruzam: as espiritualidades alternativas (todos aqueles que têm um interesse no sagrado, à margem da tradição cristã), as terapias alternativas (técnicas e formas de curas “brandas” diferentes da medicina alopática) e as políticas alternativas (partindo da ecologia profunda, críticas ao antropocentrismo, consumismo, desenvolvimentismo etc.).

No entanto, é necessário olhar para este fenômeno a partir das suas configurações específicas nos territórios, como é caso da América Latina. Alejandro Frigerio (2013, p. 48) reflete sobre os limites da apropriação e reinterpretação *new age*, especialmente indagando sua relação com as distintas tradições religiosas latino-americanas. Nesse sentido, seria importante delimitar mais coerentemente o objeto de estudo para pensar de maneira mais detalhada os tipos de “incorporações” (ou não), as passagens e as articulações entre os elementos de diversas origens religiosas e o movimento *new age*. Dessa maneira, poder-se-ia compreender melhor as lógicas da apropriação da Nova Era, como se constitui enquanto um movimento socioreligioso específico e, sobretudo, visualizar, entender e distinguir os limites dessa junção ou apropriação.

Podremos, sobre todo, diferenciar: las apropiaciones (lo que realmente entra dentro del circuito de maera más o menos regular) de los prestamos (los símbolos o imágenes de otras tradiciones que entran, sólo esporádicamente, em los bricolajes que puedan realizar algunos practicantes) y las influencias que el new age puede ejercer sobre otros grupos religiosos – algunos de cuyos practicantes pueden adoptar um “estilo Nueva Era” (Amaral, 1999) –, pero sin que el grupo religioso afectado em sí mismo entre dentro del circuito de la Nueva Era. (FRIGERIO, 2013, p. 48).

Sobretudo na América Latina, torna-se necessário a distinção entre o ecletismo *new age* e o sincretismo usual e onipresente da religião em si. Frigerio questiona-se como distinguir o sincretismo Nova Era do que há séculos foi se caracterizando a religiosidade popular ou o curandeirismo latino-americano. Nesse sentido, é necessário ter cautela porque a investigação pode cair em duas armadilhas: ou se enxerga Nova Era em todo o lugar ou então não se enxerga ela totalmente, o que seria um erro. Certamente, a

capacidade de junção do que se chama *New Age* é ampla, mas também direcionada e excludente: “*en las listas larguísimas de prácticas diversas del new age que nos gusta armar a los sociólogos y antropólogos nunca están incluidas como parte del circuito Nueva Era el pentecostalismo, la renovación carismática, el espiritismo kardecista, las religiones afroamericanas ni las devociones a santos populares*”. (FRIGERIO, 2013, p. 49).

Entretanto, isso não se trata também de exaustivamente esgotar uma realidade, mas de uma ferramenta heurística para melhor compreendê-la e analisá-la, uma vez que tal formulação seria impossível para qualquer grupo religioso estudado, por exemplo:

¿Acaso alguna definición de catolicismo hace honor a la diversidad de líneas dentro de una institución? ¿Y a las creencias extrainstitucionales de la mayoría de sus practicantes? ¿Alguna definición abarca a la totalidad de los pentecostalismos? ¿O peor aún, de las religiones afroamericanas? Es un problema que tenemos con todos los grupos religiosos. (FRIGERIO, 2013, p. 50).

Com isso, são notórias as divergências nas tentativas de apreender o que se configuraria como o movimento Nova Era na atualidade, sobretudo no Ocidente. Dessa maneira, pode-se refletir acerca das particularidades que esse movimento vai assumindo nos diversos territórios, assim como certas características gerais que o compõe. Nesse sentido, pode-se atribuir que no contexto da sociedade ocidental contemporânea, esse movimento surge como uma resposta às limitações do materialismo, da racionalidade científica e das estruturas religiosas tradicionais. A Nova Era, com sua ênfase no autoconhecimento, na espiritualidade alternativa e no holismo, reflete a busca por uma experiência mais profunda e significativa da existência, em um momento histórico marcado pelo ceticismo, pela alienação e pela crise de sentidos. O “espírito novaerista” pode ser visto como um reflexo do individualismo crescente, no qual o sujeito moderno busca na espiritualidade uma forma de resgatar sua autonomia e liberdade, enquanto se distancia das instituições religiosas e das grandes narrativas. Além disso, a ênfase em práticas esotéricas, terapias alternativas e a busca pela harmonia entre corpo e espírito revelam uma tentativa de integrar aspectos do conhecimento tradicional e das culturas orientais, numa tentativa de superar as dicotomias entre ciência e religião, razão e emoção. Nesse ponto, é interessante observar como este movimento faz um retorno à natureza e ao desenvolvimento pessoal, de maneira que várias pessoas desenvolvessem um interesse nessa temática em busca por novos significados para suas vidas.

4 NOVA ERA NO BRASIL

É relevante refletir, inicialmente, como a questão da identidade religiosa no Brasil não apenas é complexa, mas singular. Nesse sentido, cabe se questionar de que modo ela se relaciona com a dinâmica do sincretismo. A partir disso, pode-se delimitar melhor o campo no qual a Nova Era e as espiritualidades inserem-se dentro do território brasileiro. Nesse aspecto, é importante frisar como, desde a colonização, principalmente pela sua relação instaurada com o Estado Nacional, a Igreja Católica tem significativo papel no Brasil, formando uma “teia” de relações de poder, em que formou uma configuração religiosa “na qual o diálogo com o catolicismo mostrou-se imprescindível para qualquer crença, ao menos, para aqueles que angariavam legitimação, dentro da ordem social vigente” (OLIVEIRA, 2011, p. 29). Isso faz com que certos grupos tenham que criar “estratégias” para poder articular seu universo simbólico e suas identidades, como aconteceu com os diversos grupos étnicos africanos e ameríndios por meio da colonização e escravização brasileira, os quais eram proibidos de praticar seus rituais religiosos e seu direito à expressão de sua religiosidade. Como expõe Romão (2018, p. 362, 378), os africanos “buscaram uma espécie de meio-termo entre seu real panteão e o sistema dos santos católicos introduzido pelos padres ibéricos”:

A luta por liberdade levou os negros escravizados a criar um rico estratagema para trocarem os nomes dos orixás por nomes de santos, revelando sua grande perspicácia em entender, com o passar dos anos, qual orixá poderia corresponder a que personagem do complexo hagiológico católico. Com o tempo, esses processos transculturais – aqui entendidos como traduções, recriações, adaptações de textos fonte gerando textos-alvo com funções e objetivos específicos – foram ficando cada vez mais sofisticados. As novas leituras de mundo pelos africanos foram se mesclando à *Weltanschauung* católica portuguesa e às experiências culturais e religiosas dos indígenas locais, fazendo surgir novas formas de cultos e crenças. (ROMÃO, 2018, p. 362).

Dessa forma, a constituição do universo religioso está atrelada às condições sociais postas, refletindo as condições objetivas de existência de um determinado grupo, atrela-se a um contexto social específico (Oliveira, 2011). Esse tipo de compreensão permite pensar como as identidades sociais no contexto brasileiro foram se consolidando e configurando o campo religioso, levando a uma singularidade e, ao mesmo tempo, a sua pluralidade religiosa.

Apesar dessas práticas poderem ser localizadas há tempos no território brasileiro, foi no movimento contracultura, alavancado a partir de uma reação política à ditadura e

às transformações culturais e sociais do mundo, sobretudo nos anos setenta e oitenta, que a *New Age* ganhou visibilidade e notoriedade, chamando a atenção da classe média, principalmente pela força e influência que o Tropicalismo ganhou; a sua estética radical e criativa deu espaço para uma nova expressão artística, que modificou o cinema, a música, o teatro, a poesia, as artes plásticas:

Este roteiro histórico nos mostra um movimento surgido da radicalização das questões colocadas pelas artes nos anos 60, na sua interface com a vanguarda mundial e com a indústria cultural brasileira. Questões essas que confluem num ponto: a crise terminal do "nacional-popular" como eixo da cultura e da política. Neste sentido, apesar do seu hiper-criticismo, a Tropicália será a face positiva, prospectiva e culturalmente inovadora, do processo histórico marcado pelos "impasses" catalizados pelo golpe militar de 1964. (NAPOLITANO; VILLAÇA, 1998).

Seguindo essa linhagem, figuras como Raul Seixas tinham um contato com universo esotérico e com a doutrina Thelema, tendo como uma das suas referências Aleister Crowley – uma figura renomada dentro da magia ocultista, mas que também rompia com os paradigmas sociais da época, como o uso de drogas e sexo liberados – sendo considerado um “agnóstico curioso”. Por ser curioso, teve várias experiências místicas, esotéricas e espirituais, praticando rituais, inclusive de “magia negra”. Embora abordasse a figura do ‘diabo’ em suas músicas, Seixas não poderia ter sido considerado um satanista, na verdade a menção se relacionava muito mais a um sentido figurativo e a uma crítica à sociedade cristã e ao pensamento conservador da época. Ele e Paulo Coelho (também conhecido por abordar temas relacionados ao misticismo e esoterismo) chegaram a compor vários LPs – tais como *Krig-ha, Bandolo!* (1973) e *Gita* (1974) - e participar do filme *Contatos Imediatos do IV Graal* (1978) juntos, o qual abordava rituais religiosos. Paulo foi quem introduziu a Raul o pensamento ocultista de Crowley. Este, em 1904, visitando o Egito, diz ter recebido do deus Hórus o dever de anunciar uma Nova Era, calcado no dogma de thelema e fundando *O Livro da Lei*, sintetizando dois aforismas (O.Dantas, 2008):

- a. *Do what thou wilt shall be the whole of the Law*
(Faze o que tenhas vontade – há de ser a totalidade da Lei)
- b. *Love is the law, love under will*
(Amor é a lei, amor sob vontade)

A palavra “thelema” vem do grego e significa vontade. A Lei de Thelema almejava conduzir o indivíduo a sua verdadeira vontade, tal qual uma natureza divina e destino espiritual de cada um. Foi influenciada pela filosofia de Nietzsche, a qual tinha como o “exercício da vontade a recuperação do homem-heróico, além de um antídoto contra o moralismo castrador da cristandade. Nessa busca, todos os expedientes deviam ser utilizados, a começar pelos experimentos com magia sexual e drogas alucinógenas” (O. Dantas, 2008).

A partir dessas influências, Raul e Paulo fundam a Sociedade Alternativa, sendo composta até uma música intitulada pelo mesmo nome. No entanto, houve uma forte repressão militar ao movimento artístico dos dois, fazendo com que se exilassem nos Estados Unidos. Posteriormente, em 1988, Coelho ainda lançaria *O Alquimista*, fundamentado em uma doutrina de cunho esotérico, no qual haveria traços presentes ainda de Crowley, como na ideia do livro de Lenda Pessoal: é aquilo que sempre se desejou fazer, nasceu da alma do Universo, é a sua missão na Terra, “tudo é uma coisa só”.

Enfim, não se pode negar que havia durante essa época da cultura brasileira o fermento do movimento Nova Era, presenciado não apenas na música, mas também no mercado editorial. Entre os anos 80 e 90 houve um “boom” de livros de autoajuda, terapias alternativas, ocultismo e esoterismo. No mesmo período, há a expansão dos movimentos Santo Daime (cunhada no Acre pelo Mestre Irineu, mesclando diversas influências, como a católica, indígena e afro-brasileira, caracterizada pelo consumo ritualístico de ayahuasca) e Vale do Amanhecer (fundada em Planaltina pela Tia Neiva, caracterizada pelo sincretismo religioso, tal qual a umbanda, o espiritismo kardecista e o catolicismo popular).

Segundo Oliveira (2014), as ideias da Nova Era foram disseminadas, sobretudo, pela classe média, compondo o universo simbólico desta camada e consolidando o próprio movimento no Brasil, o que depois também se expandiu às classes populares, principalmente pela articulação entre práticas *new age* e a “cultura dos espíritos” existente no Brasil, bem como as práticas mágico-religiosas dos cultos afro-brasileiros. Dessa forma, ainda que o movimento tenha se iniciado na Europa e nos Estados Unidos, não se pode afirmar que em território brasileiro tenha se configurado da mesma maneira, dado as características próprias do Brasil e como isso foi se desenrolando aqui; portanto, é possível falar em “Nova Era brasileira”, cuja síntese se articula também de elementos das religiosidades populares (Oliveira, 2014).

Do mesmo modo, o espiritismo kardecista foi um importante expoente no sincretismo dentro da Nova Era, sendo uma “religião de mediação” que é próxima das práticas dos cultos afro-brasileiros, por ser uma religião de possessão, mas “distante por

simbolicamente ao ser uma religião de brancos e letrados” (OLIVEIRA, 2011, p. 81):

A Nova Era no Brasil, ao sincretizar, realiza tal processo dentro de uma brasilidade, com o famoso jeitinho, fala-se em preto-velhos, caboclos, lemanjá, etc, mas quando indagamos aos nossos informantes se estes são os mesmos daqueles encontrados na umbanda e no candomblé, eles enfaticamente destacam que não são, só se aparentam na imagem, mas são outros, seres de luz, evoluídos espiritualmente, que estão aqui para fazer caridade. Neste sentido, encontramos a incorporação do espiritismo kardecista fundamental para cimentar as práticas sincréticas. (OLIVEIRA, 2011, P. 81).

Todavia, também torna-se necessário frisar que o termo “sincretismo”, na literatura, principalmente para analisar os fenômenos advindos do campo religioso brasileiro, é polissêmico e utilizado sob diversas formas pelos autores(as). Há quem prefira o termo “hibridismo” (Hall, 2009; Canclini, 1997), que possui um caráter mais abrangente, abarcando fenômenos culturais de forma geral. Porém, dentro das Ciências Sociais, ‘sincretismo’ ainda consegue captar “a perspicácia, e a especificidade de se apreender a dinâmica do fenômeno religioso” (OLIVEIRA, 2011, p. 77). Em relação ao uso para a Nova Era, há autores(as) que ainda utilizam-no como “Sincretismo deslizante” (Oliveira, 2010) e/ou “Sincretismo em Movimento” (Amaral, 1999). Esta ainda postula que há características inatas do sincretismo Nova Era, pois seus adeptos teriam uma religiosidade aberta à apropriação de técnicas espirituais e de formatos religiosos dos mais diversos, sendo sincrética e vaga:

Temos, portanto, um cenário bem mais plural, que abarca enésimas possibilidades de vivência do sagrado. Por consequência, a forma como o sincretismo se apresenta na Nova Era brasileira, é também plural. A sensação em princípio pode parecer ser de um carnaval, no qual a ordem tida como padrão no campo religioso, é subvertida. Há um espaço sempre em aberto a ser preenchido, os sujeitos se permitem criar formulações *ad hoc*, para situações postas, ainda que no caso das sociedades iniciáticas, o peso da instituição é considerável, de modo que há um menor espaço de flexibilização, porém maior que aquele encontrado nas instituições tradicionais. (OLIVEIRA, 2011, p. 79).

Sônia Maluf (2003) traz uma interessante discussão a respeito da especificidade da Nova Era à brasileira e suas religiosidades por meio da constatação de elementos da realidade social e cultural brasileira por meio da confluência entre o terapêutico e o religioso, por uma tradição de ecletismo e circularidade religiosa e pela informalidade das práticas terapêuticas, sobretudo a partir das experiências no Sul do Brasil. Segundo a autora, em Porto Alegre, há uma história antiga de instalação de grupos e ordens místico-

esotéricas. A teosofia, na cidade, foi instalada em 1909; nos anos 40, tem-se o Centro Vivekananda (reunindo diversas tradições e contendo um restaurante macrobriano), além da presença de uma rede extensa de terapias alternativas e de novas espiritualidades, centrada nos bairros de classe média. Mas também há uma quantidade grande de terreiros e centros religiosos afro-brasileiros, centro espíritas, templos pentecostais etc. Por outro lado, o circuito alternativo é marcado pela presença de várias intersecções, como os movimentos ecologistas, movimentos de contracultura, o feminismo e uma esquerda permeável à ideologia libertária de maio de 68, o que é observável nas trajetórias de terapeutas e líderes espirituais:

Os caminhos neo-espirituais no Brasil percorrem múltiplos lugares: dos consultórios psicomísticos na cidade aos templos construídos no meio da floresta, passando pelas comunidades rurais, os ashram longínquos, os restaurantes vegetarianos, as lojas esotéricas, e igualmente os terreiros e centros da tradição afro-brasileira, juntamente com todo tipo de culto aos espíritos. Esses lugares formam um itinerário na cidade (além) e mostram a diversidade dessa experiência, caracterizada pela coabitação de diferentes formas de religiosidade, pela sua interpenetração, cruzamento de diferentes universos religiosos e espirituais e um ecletismo do vivido. Sua diversidade mostra também a pluralidade das influências que compõem o universo das culturas terapêuticas e espirituais alternativas: da contracultura ao ocultismo europeu, do ecologismo do feminismo às religiões afro-brasileiras, enfim, das espiritualidades orientais aos ecletismos de todo tipo.) (MALUF, 2003, p. 166).

Dessa maneira, a autora analisa que para compreender as novas formas de vivência religiosa na contemporaneidade brasileira, é preciso compreender a experiência que se faz fora do ‘templo’, uma espiritualidade intramundana, incorporada na vida cotidiana e no “estar no mundo”; além de fora do ‘texto’, ou seja, de uma tradição definida, “a extensão do tempo sagrado aos tempos profanos da vida é, assim, uma das dimensões fundadoras das novas vivências espirituais.” (p. 166).

Além do mais, isso estaria correlacionado a uma direção de sentido e de uma busca de sentido. Desse modo, Maluf traz uma discussão relevante abarcando a cidade, pensando-a por meio dessa “espiritualidade intramundana”, achada no dia a dia, nas lojas esotéricas, nas feiras, nos eventos místicos, nas terapias alternativas, nos restaurantes macrobióticos e vegetarianos, nos movimentos sociais, na música etc. A esfera do sagrado, portanto, não se encontra mais centrada apenas em templos e igrejas, ou seja, em espaços institucionalizados; ao contrário, é no cotidiano e nas tarefas rotineiras – no profano – em que há essa circulação de ideias, valores, comportamentos, principalmente se pensarmos nos movimentos provenientes da Nova Era, bem como nas novas formas de manifestações das espiritualidades. É possível encontrá-las no dia a dia, nos discursos, perambulando pela cidade, bem como é possível achá-las por intermédio do virtual, isto

é, da internet e de plataformas digitais que permitem esse reencontro com o sagrado, essa união em torno de manifestações e expressões das religiosidades. Hoje, mais do que nunca, principalmente após a realidade pandêmica, é possível fazer desde missas online a rituais vinculados à magia, sem, necessariamente, estar vinculado a uma religião específica ou a uma instituição.

Também é curioso pensar que no Brasil há um “ar místico”, seja porque há uma forte influência da prática de magia encontrada nas religiões afro-brasileiras e das sociedades ameríndias, como também de uma certa herança europeia e estadunidense trazida para cá, seja por conta das lendas urbanas que constituem nosso imaginário, como o caso emblemático da “Terra Prometida”, Brasília. Ela é cidade conhecida por seus mistérios e seu lado esotérico e místico, sendo considerada o berço da Nova Era, mas também o exemplo de cidade moderna e planejada. No entanto, essa ideia não surgiu de nada, na verdade os adeptos a essa visão calculam que o Brasil seria a terra propícia para formular um novo tempo e uma nova civilização, tal qual uma missão. Inclusive, esta ideia está presente em Chico Xavier (no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*), acreditando que aqui estaria o maior “celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro”. Das histórias que se contam a respeito de Brasília, acredita-se que nela haja um Chakra cardíaco do planeta instalado, além de cristais escondidos pelo Planalto Central, chegando à crença também de ser um lugar para pouso de discos voadores.

Seja como for, é interessante mencionar as influências dos povos nativos com os novaeristas que buscam por experiências espirituais a fim de se alcançar um “estado alterado de consciência” que é derivado do uso de plantas e substâncias psicoativas (isso era bem comum na geração hippie e na contracultura), mas que também são utilizadas como métodos terapêuticos. A partir disso, há diversos movimentos espirituais e religiosos derivados, como o neoindianismo e o neoxamanismo. Ambas sendo bastante fortes na América Latina e com muitos adeptos de pessoas de origens urbanas. O neoindianismo calca-se da recriação e preservação de práticas culturais consideradas autóctones e ancestrais, formando grupos de inspiração nativista:

Tais grupos, apelando à herança cultural das altas civilizações de origem pré-hispânica, realizam diversas atividades de restauração e revitalização cultural que compreendem a prática da dança pré-hispânica, o ensinamento das línguas antigas (náhuatl e maia), a calendarização conforme a conta mesoamericana do tempo, a recriação indumentária, a arte plumária, a arte culinária, a realização de rituais nos santuários pré-hispânicos e a prática da medicina tradicional. (MARTÍNEZ, 2022, p. 48).

Em relação ao neoxamanismo, compreende-se que ele se distingue do xamanismo

por duas vertentes: endoxamanismo, que diz respeito às práticas rituais do interior das comunidades indígenas, firmada em cosmovisões locais de origem pré-colombiana que souberam se adaptar à evangelização cristã em diferentes níveis; exoxamanismo, que concerne a práticas rituais cujos consumidores são alheios às comunidades indígenas, como os estrangeiros adeptos ao turismo místico, também acaba difundindo uma versão eclética e desenraizada do xamanismo, utilizando-se de uma série de símbolos estereotipados, como “Mãe Terra” etc.:

Sabe-se que Carlos Castaneda, não por acaso, é uma das maiores referências entre os adeptos do neoxamanismo. Suas obras, que relatam o processo de aprendizagem do autor ao lado de um xamã Yaqui, apresentam a sabedoria xamânica numa linguagem adaptada ao gosto ocidental, como a busca da “liberdade interior” e do “equilíbrio mental”, baseada no “controle das emoções” e na exploração da “realidade não ordinária”. O xamã Don Juan oferece, com seus ensinamentos, respostas às angústias e às carências do homem ocidental, denuncia o mercantilismo e o cientificismo e nos dá acesso, por meio das plantas psicoativas, à verdade profunda e universal do xamanismo: uma transcendência mundana e uma iluminação interior que nos permite converter-nos em “homens de poder”. A versão do xamanismo elaborada por Castaneda não é aquela que os antropólogos têm observado entre os povos nativos, complexa, variada e rica, mas a fantasia do homem ocidental sobre a “sabedoria selvagem”, a projeção de nós mesmos sobre o outro, que é a nossa própria imagem refletida. (Martínez, 2022, p. 50).

Outra articulação importante de ser mencionada, principalmente bastante encontrada no Brasil, é a respeito de uma ‘sacralidade do feminino’ imbricada em questões políticas, sociais e psicológicas. Dentro dessa perspectiva, há a crítica em relação à predominância do patriarcalismo nas religiões tradicionais, sugerindo que a Nova Era abriu a possibilidade de encontrar outras formas de se vivenciar a esfera da espiritualidade e a igualdade de gênero, por exemplo. Nesse sentido, o feminino poderia ser mais discutido e valorizado, além de dar uma ênfase nas deidades e lideranças femininas. Muitas dessas concepções vieram do próprio feminismo que, por volta das décadas de setenta e oitenta, questionavam a cultura judaico-cristã que renegava o protagonismo das mulheres ou as colocava apenas para o âmbito privado. O Círculo de Mulheres (<https://circulodemulheres.com/>) é um interessante exemplar nesse aspecto, pois reúne mulheres em torno de discussões sociopolíticas e é um espaço de acolhimento e escuta, uma forma de reconexão consigo mesmo:

Esses espaços possibilitam um momento de partilha pessoal, de fala (e escuta) como também de celebração com danças, músicas e processos terapêuticos (como os Florais da Lua, o escalda-pés e a vaporização do útero). As mulheres que buscam esses espaços, no geral, estão em busca de uma cura para o

feminino, cura essa entendida como uma cura para questões físicas (ligada sobretudo a processos ginecológicos que podem ir de casos de endometriose à infertilidade) ou ainda uma harmonização de relações com outras mulheres (como uma melhoria na relação com a mãe, por exemplo). (MESQUITA; PAIVA, 2023, p. 2).

Da mesma forma, também cresce o movimento de neopaganismo e as ressignificações ao redor do termo 'bruxa' e 'bruxaria', como é o caso da Wicca – uma religião fundada no século XX pelo britânico e ocultista Gerald Gardner. Teve uma grande expansão nos anos 1990 por conta do uso de internet, ajudando a divulgar suas crenças. Isso se entrelaçou com o *boom* da figura do bruxo(a) na cultura pop, como os filmes, criando uma busca e um interesse por essa temática. No entanto, isso forma um embate entre os praticantes que seguem uma linha de preceitos mais tradicionais e vinculados às origens, buscando uma legitimidade da religião, e os praticantes que foram encantados através da mídia, por exemplo (ARAÚJO, 2020). No caso brasileiro, tem-se a União Wicca do Brasil, com cerca de 500 mil seguidores, mas não se sabe ao certo como a Wicca chegou aqui. Há uma estimativa de que seu princípio dataria na década de 1980, sendo 1989 a publicação do livro “O Deus dos Magos”, escrito por Janet e Stewart Farrar, iniciados na Wicca. Em 1990, Paulo Coelho lança o livro ficcional *Brida* que conta a história de uma jovem que busca a magia e tem como sua mestra a mulher denominada Wicca (ARAÚJO, 2020). Em 1993, Marcia Frazão lança o clássico “A Cozinha da Bruxa”. A busca pela regulamentação da religião no Brasil também se tornou um desafio: em 1997, grupos de bruxos e bruxas projetaram uma associação que centrasse em defesa jurídica e institucional contra o preconceito. Em 1998, forma-se a *Abrawicca* – Associação brasileira de Arte e Filosofia Wicca. Em 1999, a *Abrawicca* junta-se ao Projeto Deusa 2000, e então, já nos anos 2000, forma-se uma associação civil sem fins lucrativos, expandindo suas coordenações para vários estados do Brasil (ARAÚJO, 2020). Novamente, os sites e blogs na internet foram muito importantes para propagação de conteúdos neopagãos, o “bruxaria.net” ficou conhecido como o maior portal sobre bruxaria, Wicca e Paganismo da língua portuguesa. Portanto, as transformações ocorridas dentro do próprio movimento Wiccano geraram uma separação: aqueles mais ligados a um lado tradicional (que acreditam, por exemplo, ser necessário a inicialização em *coven*) e aqueles mais “nova era”, ou seja, que não são tão tradicionalistas, acabam sendo mais livres e fluídos, justamente pela importância que a internet assumiu e a liberdade que isso gerou, a partir de suas informações e métodos autodidatas (ARAÚJO, 2020).

Enfim, como demonstrado, a principal característica da Nova Era no contexto brasileiro é a pluralidade de crenças e práticas que a compõem, englobando desde terapias alternativas e práticas esotéricas até novas formas de religiosidade, como a

reinterpretação de elementos do cristianismo e de religiões afro-brasileiras. Além disso, a Nova Era se destaca pela ênfase no autoconhecimento, no equilíbrio energético e no desenvolvimento pessoal, aspectos que atraem uma parcela significativa da população em busca de alternativas às instituições tradicionais. Portanto, é interessante observar como o movimento Nova Era ofereceu um espaço fértil que proporciona um novo sentido de espiritualidade, mais pessoal e menos institucional, buscando respostas fora dos paradigmas tradicionais. Por isso, a sua influência pode ser percebida em diversas áreas, configurando-se como um fenômeno complexo e multifacetado na sociedade brasileira, o que acarreta a dificuldade de compreendê-la com precisão. Também é necessário lembrar que a globalização e a difusão das tecnologias de comunicação desempenharam um papel crucial na disseminação dessas ideias, criando uma conexão entre diferentes culturas e tornando as práticas da Nova Era mais acessíveis. Nesse sentido, a internet e as plataformas digitais são canais que ajudam nessa divulgação de informações. As dinâmicas e interações que delas decorrem possibilitam que grupos, comunidades e influenciadores digitais especializados em temas como autoconhecimento, meditação, astrologia, e terapias holísticas proliferem nas redes sociais, criando um ambiente de interação que facilita a troca de experiências e a formação de novas crenças, contribuindo a construção de uma espiritualidade personalizada que se distancia das religiões tradicionais e institucionais.

5 ESTUDO EXPLORATÓRIO NAS REDES SOCIAIS

A análise deste estudo foi centrada utilizando-se duas principais plataformas: o *Reddit* e a *Brand24*. O *Reddit*, é uma rede social muito utilizada que permite que se entre em comunidades (os *subreddits*), poste fotos e vídeos, adicione amigos e, principalmente, crie tópicos. Nestes tópicos, há infinitos assuntos, geralmente de caráter público, tornando tanto o post quanto os comentários públicos. Dessa forma, é algo bem aberto e que possibilita que as pessoas se expressem das mais diversas formas, a partir da criação de uma conta, por exemplo. Para analisar uma comunidade, basta digitar “r/” mais o assunto que se deseja ler. Além disso, é importante citar que o público do *Reddit* é relativamente jovem, com predominância de 18 a 29 anos, com 92,2 milhões de usuários ativos diariamente.

O site *Brand24* é um congregador de dados e de investigação de redes sociais, conhecido por ser uma ferramenta interessante para investigar hashtags, ver sites, perfis e comentários mais relevantes perante a temática escolhida e gerar gráficos. Permite rastrear a ocorrência de hashtags em redes como *Tik Tok* e *Instagram*. O *Tik Tok* é uma rede social para compartilhamento de vídeos curtos (de 15 segundos a 3 minutos), com amplos recursos para edição.

O *Instagram*, por outro lado, é mais centrado em fotos e vídeos, mas também permite bate-papos, comentários e interações de diversos tipos. É uma rede que permite analisar *hashtags* por meio da escolha de uma ou mais palavras, e é isso que a torna relevante, porque a *hashtag* acaba sendo uma forma de encontrar conteúdos mais rápido, mas também unifica e congrega as pessoas a partir de um termo, além de mostrar palavras-chave semelhantes e ter o caráter público. As *hashtags* ajudam muito para encontrar um nicho e subir os níveis de compartilhamento de alguma postagem.

Neste ponto, escolheu-se algumas *hashtags* para filtrar o tipo de conteúdo que iria aparecer no *feed*. Quando se segue uma *hashtag*, qualquer conteúdo que tenha sido utilizado aquela palavra-chave irá aparecer para quem a seguiu. Isso ajuda para quem se interessa sobre algum assunto específico, além de ser uma forma de investigar como e de que forma as pessoas (ou empresas) utilizam aquelas *hashtags*. Nesse sentido, vale lembrar que esse tipo de estudo não é novo, não só pesquisadores já utilizam isso, como pessoas que estudam *marketing* ou tendências de mercado, além da coleta de dados das maiores empresas do mundo, como *Google* ou a *Meta*.

Muito tem-se falado das bolhas que as redes sociais acabam gerando. Por conta dos algoritmos, quanto mais um assunto for clicado, buscado ou tiver interações, maior será o alcance do conteúdo, assim como mais informações como aquelas buscadas irão

aparecer para os interessados. Dessa forma, apesar de parecer que se tenha uma liberdade de escolha dentro de algumas plataformas, pode-se dizer que há, na realidade, mais uma “fórmula” ou cálculo matemático direcionando o que mostrar para o usuário. É possível fazer um paralelo com um supermercado: achamos que somos livres para escolher o que desejamos, no entanto, o supermercado é pensado e projetado para que certos produtos sejam dispostos e vistos mais do que outros, além de certas marcas serem escolhidas em detrimento de outras rejeitadas. Neste ponto, as redes sociais não podem ser vistas como neutras ou livres de posicionamentos.

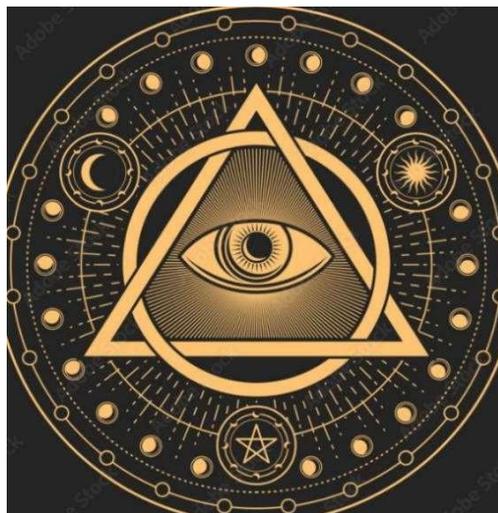
Para um cientista social, por outro lado, talvez seja interessante analisar as redes sociais sob vários ângulos, como o poder o qual elas estão submetidas e, muitas vezes, omitidas. Lupton, no livro *Digital Sociology (2014)*, chama a atenção para que se reflita sobre o ambiente digital, ou seja, como um assunto que necessita ser levado em conta, dado o contexto sociocultural e político que se vivencia na contemporaneidade, por mais “resistência teórica” que isso possa gerar, uma vez que não se pode ignorar uma realidade que continua atravessando a todos. De fato, as tecnologias e a internet mudaram o mundo social e isso vem transformando gerações de pessoas. As crianças desde seu nascimento convivem com smartphones, há a intermediação por telas o tempo todo. O que isso provocou na realidade social? O que se pode pensar em termos culturais, sociais e políticos a respeito de um fenômeno dessa magnitude? Seja como for, ainda é um terreno fértil e misterioso para quem se aventurar a analisá-lo.

Felizmente, dentro do campo de estudos religiosos, há uma gama de trabalhos já sendo realizados nesse sentido. Fazendo uma pequena delimitação de como isso pode ser abordado e relacionado ao ambiente virtual, há pesquisas que se detêm a pensar o processo de migração das instituições religiosas consagradas (como o catolicismo) para o ambiente digital (Gonçalves, 2019; Sbardelotto, 2012; Silveira, 2018; Silva, 2023, dentre outros) e quem busca contrastar religiões monoteístas (protestantismo, islamismo etc.) das politeístas (Movimento Nova Era, Religiosidades dos Orixás etc.) (Aguiar, 2014); bem como a relação das religiões afrobrasileiras e mídia (Aguiar, 2007; Freitas, 2012; Freitas, 2015; Santos, 2015; Danon, 2017, Messias, 2017). No que tange especificamente à análise do Movimento Nova Era e internet, há trabalhos como de Guerriero e Moraes (2016), Duarte e Tavares (2004).

5.1 COMUNIDADE DO REDDIT

No que se refere às escolhas feitas para este trabalho na plataforma *Reddit*, escolheu-se para fins de observação e análise uma comunidade que abrange o Movimento Nova Era e espiritualidade: *r/espiritual*. Nela, é possível encontrar diversas postagens com diferentes abordagens a respeito do que seria o “espiritual”, com a possibilidade de comentários e interações dos respectivos participantes. A comunidade foi iniciada em oito de fevereiro de 2024 e conta com 254 membros em dezembro de 2024. No *r/espiritual*, antes mesmo de adentrar algum assunto, já se destacam duas informações. A primeira é a foto do perfil, que representa um símbolo ocultista, e a segunda é a capa do tópico, que representa diversas religiões: afrobrasileira, cristã, muçulmana e budista.

Figura 1 - Sinal de visão holística do ocultismo, chakra tribal



Fonte: *r/espiritual* (2024)

A página se define como um espaço dedicado à espiritualidade, “seja religião ou qualquer forma de crença pessoal”. Os assuntos que podem ser abordados variam desde budismo, cristianismo, xamanismo até prática de meditação, projeção astral, “magia”, experiência paranormal ou com alucinógeno. Nela, há postagens relacionadas a assuntos espirituais específicos e muitos relatos sobre vivências ou dúvidas em relação ao mundo espiritual.

Um dos relatos interessantes que é possível encontrar diz respeito a um internauta que se diz insatisfeito com a religião atual (Testemunha de Jeová) e busca outras experiências com o sagrado, como o uso de alucinógenos, “medicina indígena”, viagem astral:

Não quero que pense mal da minha antiga religião, pq ela realmente tinha bons

padrões de moral. Mas a minha religião desde que nasci até meses atrás era Testemunha de Jeová. [...] As testemunhas de Jeová sempre usam o exemplo de Jó pra mostrar que o Diabo(ou Satanás) diz que seguimos as ordens de Deus(Jeová) pq ele nos protege e pq queremos ir pro Paraíso (uma utopia semelhante ao Jardim do Éden). E eu estava sentindo que minhas motivações não eram as melhores. [...] Então agora eu estou estudando outras formas de me aproximar do Altíssimo, seja por medicina alucinógena ou projeção astral. (Relato 01).

Um internauta responde para ter cautela em relação a esse anseio. Diz que é necessário ter maturidade para usar ayahuasca por meio de um pajé responsável ou santo daime com alguém certificado. A pessoa analisa a espiritualidade a partir de uma visão mais centrada:

Falo isso não por mal, mas vejo muita gente colocando a vida em risco achando que tá fazendo espiritualidade. Vejo muito os pajés e líderes Huni Kuin e Yawanawa preocupados com o uso errado do rapé que vem causando mortes e intoxicações severas por uso descabido de supostos líderes religiosos que não sabem o que estão fazendo. Sem falar naqueles que usam sem qualquer pretensão espiritual.

Espiritualidade, principalmente pra iniciante, recomendo que seja majoritariamente como a dos monges budistas e os yogis, ou seja, fechar os olhos e sentir com o coração, fundamentando isso com denso estudo de textos consolidados que vieram dos ensinamentos dos luminares da Terra, como Gautama, Krishna e Maomé. Sem iniciar pelo autoconhecimento toda busca espiritual vira apenas um bando de atos desconjuntados atrás de um desconhecido intangível. (Relato 02).

A palavra “espiritualidade” é acionada nessa postagem como algo a se ter compromisso, é necessário levar ela a sério e não apenas participar de alguma “onda” ou “turismo espiritual”. É algo que vem dentro de uma transformação interior, ter uma fundamentação que guie essa “jornada”. É uma percepção distinta, por exemplo, de outras comunidades *online* analisadas que mobilizam o mesmo termo. A questão da responsabilidade é intrínseca à espiritualidade:

Olha, vendo os subs desse tipo lá da gringa e o movimento espiritualista em geral, o maior risco que se tem é o de colecionar curiosidades, anedotas e teorias sem ter uma fundamentação geral que permita colocá-las em perspectiva.

Apesar de ter interesses parecidos com os seus (à exceção dos alucinógenos/enteógenos, que tenho receio de experimentar) vejo no estudo do espiritismo, ramatismo, umbanda e teosofia, um "chão" extremamente necessário pra navegar de forma mais responsável a questão da espiritualidade.

O "turismo espiritual" é uma forma de se quebrar dogmas, ceticismo e materialismo. Tem seu lugar importante. Porém deixar de ser turista pra ser realmente explorador me parece pedir estudo mais sério e compromisso. Coisas como o que se faz, por exemplo, na conscienciologia ou no envolvimento direto com trabalhos de assistência e ensino. (Relato 03).

Há dúvidas também em relação a certas práticas, como a meditação, não sabendo como realizar tal procedimento. A visão que se tem da meditação no senso comum seria a de “eliminar” pensamentos intrusivos na hora da prática. No entanto, seria mais interessante pensá-los enquanto algo para não dar muito foco e atenção:

Ouça o silêncio!

Eliminar" distrações é uma linguagem um pouco violenta. Conhece o pequeno príncipe? Os cometas passam pelo planeta dele e ele sabe que ele pode fisgar qualquer um deles que ele será levado para uma aventura. Os pensamentos são parecidos. Eles vêm prometendo alguma satisfação, alguma fantasia talvez, ou prometem que são importantes, temos que resolver aquele negócio amanhã etc... Então a ideia é não fisgar nenhum deles. Se você não engatar neles, não der energia da sua atenção, eles evaporam. (Relato 04).

Em geral, não é incomum, dentro da comunidade, as pessoas relatarem sobre estar em determinada igreja ou ser de alguma religião, mas não sentirem que isso responde a certas inquietações e começam a questionar sobre o que lhes é pregado, geralmente sendo respondida por pessoas com um tom crítico em relação a essas práticas tradicionais:

Eu estava na igreja e a pastora veio orar por mim porque tinha um espírito que me deixava confusa, só que eu não caí e o espírito santo ainda falou que vou ter sonhos esclarecendo minhas dúvidas, mas eu acho que o espírito santo quer que sejamos cegos por ele, que é algo que não consigo ser. (Relato 05).

O nome disso é sugestionamento. E ainda gera pensamentos posteriores também sugestionados de alguma forma. Preste bastante atenção e não se “entregue” que você verá que é uma histeria coletiva em que todos se entregam na fé, oratória e controle do pastor... (Relato 06).

Outro ponto notório é que as pessoas dessa comunidade se referem muito ao “Eu Sou”, aparentemente como se fosse uma forma de nomear Deus. No entanto, há usos e sentidos diferenciados que permeiam essa ideia. No referencial simbólico cristão, a expressão tem origem no hebraico, aparecendo pela primeira vez quando o povo de Israel estava sendo escravizado e pedindo a Deus por libertação. Então, Deus haveria de responder a este clamor com “eu sou quem sou” (Êx 3:14), anunciando a libertação. Segundo LeFebvre (2022), na passagem usa-se o verbo *ehyeh* (uma forma da palavra *hayah*), normalmente traduzido como “eu sou” ou “eu serei”. No entanto, em outros lugares da bíblia, pode aparecer como representando o próprio Deus, “*Yahweh*” – Eu Sou. Porém, há o sentido que teve origem a partir da escola esotérica fundada pela sensitiva Helena Blavatsky, o coronel Henry Olcott e William Judge, em 1875 em Nova

York. O objetivo era ensinar teosofia, como o neoplatonismo, gnosticismo etc. Essa visão surge como um contraponto à ideia de que se pode encontrar Deus somente nas religiões, porque isso pode ser encontrado no interior de cada um, não fora. A consciência é o próprio Deus manifesto, as pessoas seriam a expressão divina. “Não são precisos dogmas, sacrifícios, culpa nem pecado para encontramos Deus. Nós Somos. Tomar a consciência de quem Eu Sou é o caminho de volta, é a ascensão, o retorno, a conexão com o eu superior, a libertação da Roda de Samsara” (MONTEIRO, 2020). Isso estaria ligado à manifestação e materialização dos desejos e sonhos.

Eu trabalho como terapeuta holístico e meu principal estudo e prática, atualmente, é em torno dos 12 Raios Divinos (também conhecida como Grande Fraternidade Branca) e o uso consciente do nome de Deus/Deusa EU SOU. Não participo de nenhuma igreja ou ordem, então meus estudos são bastante individuais, com leituras e decretos diários. Consigo perceber a atuação dos Raios mais de maneira intuitiva e ocasionalmente consigo vê-los. Percebo que a percepção e prática de suas qualidades é o foco principal dos ensinamentos dessa linha de Mestres, muito mais do que "ver cores" no astral. Por exemplo: Raio Azul se manifesta através da Fé, Coragem; Raio Amarelo através da Sabedoria e Discernimento; Rosa: Amor e Diplomacia; Violeta, Perdão e Transmutação etc. (Relato 07).

Outro tema que aparece é a questão da identidade: ter uma espiritualidade professada, mas não uma religião específica ou não seguir um dogma em particular. A difícil definição do que seria espiritualidade é trazida pela linguagem dos memes:

Figura 2 - Meme da comunidade



Fonte: r/espiritual (2024)

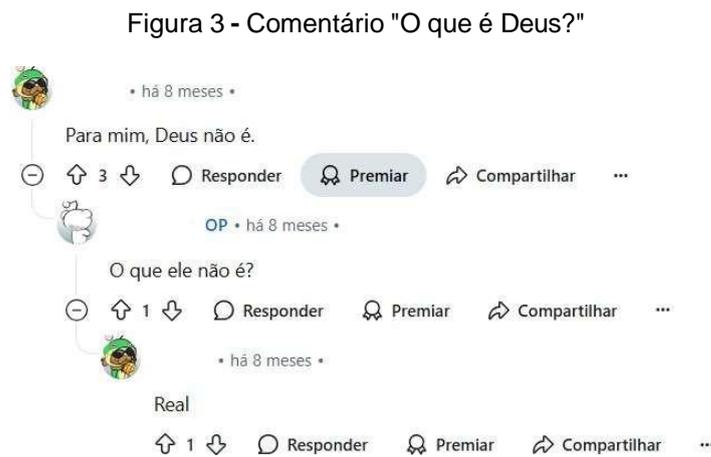
Apesar do tom de brincadeira, a questão é pertinente: o que seria espiritualidade? É possível ter espiritualidade e não ser religioso? De fato, não há como estabelecer uma resposta concreta para tal empreitada, mas sim pensá-la por outros meios, como “um produto histórico de processos discursivos cujas formas de relação com a religião são

variadas e não determinadas” (GIUMBELLI; TONIOL, 2020, p. 15).

De igual maneira, alguns membros se questionam o que seria Deus: “o que seria Deus para você?”

Alguns respondem: “é muito mais que o infinito, Deus é fragmento de sua constante e inescapável presença e existência”. Outros afirmam: a consciência primordial da qual todas as outras são reflexos e subdivisões – *the all that is in all things*”. Ou então: “são moléculas e suas interações físicas ou quânticas”.

E ainda:



Fonte: r/espirtual (2024)

Por vezes, a magia é mencionada. E aqui ela é vista como “sem brilinhos nem bolas de fogo”, mas sem deixar de ser extraordinária:

Às vezes a magia está disfarçada de religião, outras de mitologia, outras de tradições orais e outras ainda de cultos secretos. Aliás, até mesmo contas no TikTok acabam acertando as vezes. A magia está em todo lugar, mas como não tem brilinhos nem bolas de fogo a coisa toda acaba passando batido. [...] quanto mais se sabe magia, menos se usa. Pelo menos na minha experiência. Entenda como magia qualquer esforço sobrenatural de alterar a realidade de acordo com a vontade do magista, beleza? Divinações, amarrações, viagens astrais, maldições, etc. [...] É claro que eu posso usar de cartas para saber o que alguém sente sobre mim e se eu devo investir em determinada relação, mas não seria mais proveitoso eu usar da vulnerabilidade e da comunicação para expor meus sentimentos pra essa pessoa decidir então o que ela irá fazer? É possível alterar o universo ao nosso redor, mas vejam bem: é muito mais proveitoso alterar o universo DENTRO de nós. Até porque o que está dentro e o que está fora são duas partes do mesmo todo, portanto, um influencia o outro de maneira direta e correspondente. (Relato 08)

Esse relato é interessante porque associa a magia a um processo interno e não necessariamente vinculado a alguma tradição da magia (como a Wicca, por exemplo). A maior magia se faz “dentro”.

O termo macumba é também mencionado algumas vezes, seja por curiosidade, ou

seja, querer saber sobre a sua eficácia, seja por ser relacionada a feitiço. Aparece quando os membros se questionam se fizeram ou não algum “trabalho” para eles:

Uma coisa que o guia chefe da minha casa sempre diz é "a pior macumba que tem é o mau-olhado". A pessoa que te quer mal não precisa acender uma vela, matar um bicho, para te fazer mal. A recomendação é sempre se afastar de quem te faz mal e firmar seu pensamento em coisa positiva. Isso vale para qualquer momento da vida. Para saber se teve algum trabalho feito mesmo aí seria perguntando para entidade mesmo. (Relato 09)

Figura 4- Comentário sobre macumba

Como me livrar de uma macumba que fizeram pra mim?

MAGIA

Não, não fizeram nenhuma feitiçaria a mim, mas eu gostaria de saber o que eu poderia fazer pra me livrar de algo assim.

Como eu sei que fizeram? Como se livrar? Quem realiza os desejos no feitiço? Se você quisesse fazer um feitiço contra mim, conseguiria só com meu nome do Reddit?

↑ 2 ↓ 3 🔔 ➦ Compartilhar

Fonte: r/espiritual (2024)

Também se menciona algumas vezes o espiritismo. Dúvidas em relação a como funcionaria o mundo espiritual, o que acontece no umbral, se é possível acreditar no diabo sendo espírita, o que acontece no pós-morte e na reencarnação. Nesse aspecto, o espiritismo aparece no fórum como algo mais abrangente, dúvidas mais gerais e filosóficas, sem, necessariamente, seguir alguma doutrina.

Em suma, é notório que dentro dessa comunidade existem inúmeros assuntos e temas abordados em relação à dimensão espiritual e novaerista, justamente por meio do entrecruzamento de crenças, ideias, opiniões, posicionamentos que se refletem nas postagens e nos comentários dos membros. O conteúdo apresentado pode indicar a multidimensionalidade da espiritualidade, o “espírito” novaerista, uma forma de se pensar como nos dias de hoje é possível expressar e se relacionar com a dimensão do sagrado sem ter uma religião propriamente dita, e a internet parece estar sendo um ambiente muito utilizado nesse sentido. A intenção de analisar uma comunidade do *Reddit* deve-se, justamente, pelo fato de que é possível observar vários posicionamentos e opiniões de forma mais livre (aliás, é uma rede que foi feita justamente para isso), o que acaba tornando-se interessante por ser uma forma de compreender e pensar o mundo social e as relações que dele derivam, como os processos que caracterizam esta era, sobretudo no que tange à esfera do sagrado e das transformações no campo religioso, podem ser concretamente analisados e pensados por meio do espaço da virtualidade.

5.2 ANÁLISE DE HASHTAGS

Outro rumo desta investigação foi buscar quais eram os perfis mais acessados em relação à temática do movimento Nova Era, abarcando a dimensão da espiritualidade. Para tal, utilizou-se a plataforma Brand24, um programa de ciência de dados que permite reunir uma série de dados a partir da conexão de palavras-chave ou *hashtags*, visualizando como e de que maneira as pessoas têm se utilizado de tais termos e como esses conteúdos estão sendo propagados, permitindo analisar tanto termos isoladamente quanto combinações de *hashtags*, formulando relatórios quantitativos acerca da palavra escolhida ou desejada, em que é possível saber em qual rede social (como *Instagram*, *Tik Tok*, *Twitter*, *Youtube*, fóruns, *blogs*, *Podcasts*) há mais menções sobre o termo buscado, além das *hashtags* mais frequentemente utilizadas nas postagens e os comentários realizados pelos usuários. Também permite que se saiba quais são os perfis mais relevantes a partir das palavras-chave mencionadas.

Na busca manual pelas *hashtags*, na qual são analisadas tanto o *Tik Tok* quanto o *Instagram*, encontraram-se alguns perfis que têm a ver com a temática da proposta deste trabalho, em que é possível observar a produção e disseminação de conteúdos voltados para a espiritualidade. É possível observar a partir dos perfis conteúdos mais genéricos, isto é, que abordam vários tipos de assuntos dentro da temática espiritualidade, e outros mais voltados para algum assunto específico: tarô, bruxaria, astrologia etc. Com isso, para a finalidade desta análise, selecionou-se os perfis que eram indicados como os mais expressivos dentro das categorias selecionadas (o que é demonstrado pela figura 8, logo abaixo), que foram os seguintes termos: “espiritualidade”, “Nova Era”. Dessa forma, com o relatório obtido pela plataforma, chegou-se a este resultado:

Figura 5- *Hashtags* mais usadas pt. 1/3

Trending hashtags >		
1	#espiritualidade	3992 Mentions
2	#tarot	3375 Mentions
3	#amor	1673 Mentions
4	#baralhocigano	1640 Mentions
5	#espiritismo	1331 Mentions
6	#tarotonline	1141 Mentions
7	#autoconhecimento	1133 Mentions
8	#signos	1023 Mentions
9	#shorts	1013 Mentions
10	#magia	1004 Mentions

Fonte: *Brand24* (2024)

Figura 6 - *Hashtags* mais usadas pt. 2/3

11	#umbanda	980 Mentions
12	#leituradetarot	938 Mentions
13	#fê	855 Mentions
14	#tarotdoamor	854 Mentions
15	#cartomante	832 Mentions
16	#fyp	792 Mentions
17	#viral	678 Mentions
18	#jesus	671 Mentions
19	#tarotresponde	654 Mentions
20	#tarotamor	638 Mentions

Fonte: Brand24 (2024)

Figura 7 - *Hashtags* mais usadas 3/3

21	#astrologia	638 Mentions
22	#tarotdodia	602 Mentions
23	#oraculo	600 Mentions
24	#taro	565 Mentions
25	#tarotintuitivo	556 Mentions
26	#cartasciganas	537 Mentions
27	#deus	524 Mentions
28	#horoscopo	523 Mentions
29	#exu	522 Mentions
30	#esoterismo	521 Mentions

Fonte: Brand24 (2024)

É notório que há muitas buscas em relação ao termo “espiritualidade”, ocupando a primeira posição da lista. O que também é interessante observar é a pouca diferença em relação ao segundo termo mais buscado: “tarot”. O que de fato demonstra uma abundância de conteúdos direcionados a essas palavras (o que também foi testemunhado pela busca manual de *hashtags* nestas redes sociais com esses dois tópicos aparecendo inúmeras vezes) e o interesse por esses assuntos.

Figura 8 - Perfis mais acessados

	ciganaagathaa		3.330% Voice share	6 124 631 Est. Social Reach	 
	encanto.abissal		2.361% Voice share	4 343 207 Est. Social Reach	 
	signologia		1.563% Voice share	2 874 340 Est. Social Reach	 
	sensitiva_1		1.508% Voice share	2 774 378 Est. Social Reach	 
	cazuadoze		1.459% Voice share	2 684 470 Est. Social Reach	 
	cosmos.mental		1.410% Voice share	2 593 927 Est. Social Reach	 
	cartomagia_		1.234% Voice share	2 269 546 Est. Social Reach	 
	conselheiromatheusreserv		1.181% Voice share	2 172 878 Est. Social Reach	 
	viva.signos		1.163% Voice share	2 139 067 Est. Social Reach	 

Fonte: Brand24 (2024)

Aqui, é possível ter um dado relevante: os perfis mais acessados estão no *Tik Tok*. Não é estranho, no entanto. Sabe-se que o brasileiro é um dos maiores consumidores desta rede no mundo. Para compreender o porquê destes perfis serem os mais populares, foi feita uma breve análise para identificar o tipo de conteúdo ofertado.

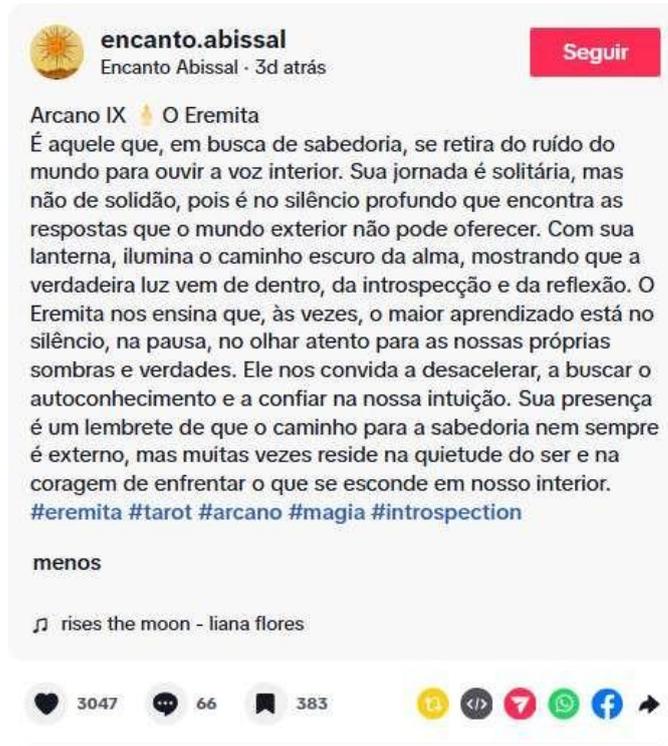
É importante mencionar que, destes perfis citados (Figura 8), pelo menos sete se referem ao tarô, o que demonstra ser algo que é muito buscado na internet. Cada perfil relacionado ao tarô tem uma abordagem e estética diferentes. O @encanto.abissal destaca-se por ser uma forma de aprendizagem sobre as cartas de tarô, porém com uma linguagem única e criativa:

Figura 9 - cartas de tarot



Fonte: @encanto.abissal (2024)

Figura 10 - legenda de postagem



Fonte: @encanto.abissal (2024)

A @carto.magia já possui uma linguagem mais descontraída, em formato de meme. Aborda temas religiosos, espirituais e faz consultas no tarô:

Figura 11 - Publicação do Tik Tok



Fonte: carto.magia (2024)

O @ciganaagathaa, o @cosmos.mental, @conselheiromatheusreserv e @signologia são voltados para o tarô e previsões para o futuro. Geralmente, também

citam signos e fazem leituras mensais. Segundo Arroniz (2014), a partir do século XX, a variedade de baralhos e de estética que cercam o tarô ganhou considerável demanda e ganhou uma nova percepção subjetiva acerca de seu papel multifacetado enquanto instrumento psicológico, artístico, esotérico, criativo e espiritual; alavancando, sobretudo nos anos 70, modelos de diferentes temáticas. Os *designs* dos baralhos dialogam com diferentes públicos (tarô céltico, olimpo, afrobrasileiro, sacarabeo, anjos etc.). Além disso, com o advento da internet, houve uma “vulgarização” de conteúdos esotérico-espiritualistas, sobretudo pela massificação da oferta e da acessibilidade de informações referentes a esses conteúdos; dessa forma, leigos conseguiram ter acesso a este tipo de conhecimento e puderam conduzir suas próprias interpretações e conclusões:

De fato, os recursos viabilizados pela web estimulam a comunicação e a divulgação mais dinâmicas dessas questões, baseando-se em uma lógica hipertextual e multimidiática – recorrendo a uma concatenação personalizável de vídeos, textos, imagens, tabelas, gráficos etc. –, além de favorecer uma coexistência eclética de opiniões pessoais globais que se proliferam dialogicamente. (ARRONIZ, 2014, p. 68).

É interessante observar também que, nestes perfis analisados, há uma demanda muito forte e recorrente para assuntos como relacionamentos, amor e trabalho. As tiragens voltam-se para esse tipo de assunto, além de fazer várias adivinhações baseadas no signo, por exemplo, ou na escolha de algum número. É comum também em alguns perfis misturarem certas figuras, símbolos, imagens e crenças de várias religiões, ou seja, não se centram em apenas uma.

O perfil @sentitiva_1 se refere a cortes de vídeos, falas da sensitiva Márcia Fernandes, uma figura bem emblemática e importante da geração atual e da internet. A procura desse perfil pode ter a ver com a facilitação de informação por meio do recorte do vídeo ou da fala, uma vez que isso faz com que não seja necessário ver o vídeo inteiro para se ter alguma dica ou informação dada por ela – algo que, aliás, é muito típico de redes como *Tik Tok*, que justamente são programadas e formatadas para fazer conteúdos mais diretos, curtos e rápidos. Márcia Sensitiva se descreve como médium, clarividente, numeróloga e mestre em *reiki* e espiritualidade (como consta no próprio perfil do Instagram dela). Um dos principais conteúdos que ela oferece são previsões, principalmente por meio da astrologia e numerologia, mas também dá dicas das mais diversas temáticas, como plantas para se colocar em casa, pedras, rituais e simpatias para prosperidade, amor, carreira etc. A sua popularidade aumentou, justamente, na internet, e hoje seu canal no Youtube consta com 2,64 milhões de inscritos. Márcia Sensitiva é vista como um fenômeno, a “médium pop”, em uma era de buscas constantes nas redes por simpatias e previsões que possam, de alguma forma, melhorar a vida de quem busca por informações desse tipo. Também, é conhecida por ser direta ao ponto e engraçada nas suas respostas.

Por meio de suas diversas abordagens e diferentes conteúdos, é possível correlacionar a figura da Márcia e o que ela representa, por conta de uma estrutura altamente eclética, como pertencente ao espírito novaerista e a essa “formatação” ou “configuração”, digamos assim, que desenha a espiritualidade buscada nas redes sociais.

O *Instagram* não deixa de ser uma rede menos influente no quesito de fazer abordagens semelhantes ao propagar conteúdos esotérico-espiritualistas. Com a ferramenta *best-hashtags*, é possível captar quais foram as *hashtags* ou palavras-chaves mais utilizadas dentro da rede social (*Instagram*) em determinado período, como foi buscado pelo de 2024. Atualmente, as *hashtags* mais procuradas em relação a essa temática por meio das palavras-chave “espiritualidade” e “nova era” e o número de postagens são estas:

Figura 12 - *Hashtags* utilizadas no *Instagram* e número de postagens pt. 1/2

#	Hashtag	Instagram Posts
1	#yoga	98,125,638
2	#brasil	85,467,273
3	#bomdia	70,179,898
4	#vida	50,364,604
5	#jesus	45,903,166
6	#paz	35,270,715
7	#natureza	32,726,262
8	#gratidao	28,273,820
9	#deus	26,030,347
10	#namaste	21,593,447

Fonte: best-hashtags.com (2024)

Figura 13 - *Hashtags* no *Instagram* e postagens pt. 2/2

#	Hashtag	Instagram Posts
1	#reiki	9,342,595
2	#positividade	9,152,271
3	#energia	8,976,076
4	#terapia	8,339,945
5	#equilibrio	6,255,173
6	#magia	5,853,743
7	#espiritualidade	4,825,608
8	#sabedoria	4,421,469
9	#universo	3,905,724
10	#pazinterior	3,657,420

Fonte: best-hashtags.com (2024)

Como se pode observar, a expansividade e alcance desses termos é notória, fazendo com que seja algo buscado e, ao mesmo tempo, postado. Dentro das *hashtags* “espiritualidade” e “Nova Era” no *Instagram*, por exemplo, consegue-se obter conteúdos que, muito frequentemente, aparecem na temática do espiritismo e das religiões afro-brasileiras, bem como do tarô, astrologia, numerologia e magia. Muitas dessas postagens se referem a médiuns e/ou são páginas que apenas postam conteúdos relacionados ao mundo espiritual; entretanto, uma característica comum dessas páginas é não se restringir a alguma crença ou figura. Posta-se sobre Chico Xavier, Jesus Cristo, Iemanjá, Saint Germain, pedras, plantas etc. Isso pode indicar como essas “espiritualidades alternativas” se constroem e se espalham no Brasil e como são ancoradas no sincretismo. Portanto, por meio desse monitoramento das *hashtags*, é possível refletir sobre como e de que maneira as pessoas que utilizam determinada rede social acionam ou mobilizam termos como “espiritualidade”, “magia”, “esoterismo” etc. a partir do que se apresenta enquanto conteúdo.

CONCLUSÃO

Para fazer um trabalho sobre o movimento da Nova Era dentro da internet, é necessário lembrar das configurações do mundo social atual, que são, cada vez mais, inseridas dentro desse contexto tecnológico e cujas formas de relacionamento são mediadas, principalmente, pelo uso contínuo e irrestrito das redes sociais, fazendo com que seja preciso refletir, mais do que nunca, sobre como as pessoas vêm se relacionando com sagrado nos tempos atuais e, sobretudo, como demonstram isso por meio das postagens e interações nas redes. Longe de ser algo fácil de ser abordado, o caráter expansivo da internet torna este tipo de pesquisa desafiador, principalmente porque é necessário saber filtrar os tipos de conteúdos e analisá-los corretamente. Além do mais, em uma pesquisa como esta, é necessário sempre estar no escopo de análise como as redes sociais funcionam, ou seja, por meio da lógica algorítmica - o que já foi elaborado e apresentado anteriormente neste trabalho. Felizmente, hoje encontra-se facilmente programas que facilitam uma coleta de dados direcionada para a temática desejada, o que pode ser um caminho no qual se encontram respostas interessantes e mais aprofundadas.

De qualquer forma, são muitas lacunas que podem ser avançadas e devem ser pesquisadas posteriormente, porque é possível elaborar pesquisas e observações de diversos tipos dentro da internet. As redes sociais são recheadas por conteúdos de ordem mística e espiritual, como foi demonstrado pelos dados apresentados. Em relação à revisão de literatura, são muitos trabalhos que se detêm na difícil definição da Nova Era, ainda que existam pesquisadores que considerem este termo “ultrapassado”. No que tange aos trabalhos realizados no ambiente digital, há esforços sendo construídos para investigar o campo religioso de maneira geral, mas é necessário uma gama maior de trabalhos que se detenham a essas práticas não vinculadas ao ambiente físico e institucional. Seja como for, o que se observa é que esses movimentos espirituais, essas “espiritualidades alternativas” são maneiras que as pessoas encontram de conseguir se relacionar com o sagrado em um mundo cada vez mais desencantado, sendo uma forma de autoconhecimento, bem-estar e conexão pessoal, o que assume a roupagem, muitas vezes, de algo mais fluído e híbrido, assim como individualista, uma vez que não se torna mais necessário presenciar o sagrado em um âmbito tradicional ou institucional.

A esfera do sagrado, portanto, se encontra mais centrado no cotidiano e nas tarefas rotineiras, no profano, em que há essa circulação de ideias, valores, comportamentos alinhados a um pensamento novaerista. Por consequência, as redes sociais aparecem como um meio (profano) de sacralização de elementos religiosos e

espirituais, por meio da sua difusão de informações e confluência de símbolos de diversas tradições e culturas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. **Carnaval da Alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ARRONIZ, L. **Uma arte de fronteira**: o fenômeno editorial “tarô” como linguagem estética. 2014. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- BASTOS, L; CLEMENTI, J.; FREIRE, P.; SANTOS, F. **Mídias sociais e redes sociais**: conceitos e características. v. 1 n. 1 (2017): Anais do Seminário Universidades Corporativas e Escolas de Governo. Disponível em: <https://anais.suceq.ufsc.br/index.php/suceq/article/view/80>. Acesso em: 12 de dezembro de 2024.
- BERGER, P. L. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BIRCHAL, F. **Vista do Nova Era**: uma manifestação de fé da contemporaneidade. Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 97-105, dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/481/499>>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- BRANDÃO, S. H. **Religião na pós-modernidade**. Revista Ciências da Religião - História e Sociedade, [S. l.], v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8088>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F; FALTAY, P. **Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma**: mercado, ciência e modulação do comportamento. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 26, n. 3, p. e33095, 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.3.33095. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/33095>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- CAMPANELLA, B.; CASTELLANO, M. **Cultura terapêutica e Nova Era**: comunicando a religiosidade do self “Comunicação Mídia e Consumo, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 171– 191, 2015. DOI: 10.18568/cmc.v12i33.821. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/821>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- CASANOVA, J. **Public religions in the modern world**. University of Chicago Press. Ltd., London. Printed in the United States of America, Chicago, 1994.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- CORBÌ, M. **El camino interior, más allá de las formas religiosas**. Barcelona: Bronce, 2001. 343 p.
- D’ANDREA, A. **O Self Perfeito e a Nova Era**: Individualismo e Reflexividade em Religiosidades Pos-Tradicionais. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DE AQUINO, J. F.P. **Os estudos feministas e a wicca**: novas pautas na bruxaria moderna. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 7., 2021, São Leopoldo. Anais [...]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2021. p. 312-329.

DUARTE, J. **Movimento Nova Era nos anos 80**: as feiras esotéricas e sua inserção no espaço público. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v.2, n.1, p.115-127, 2005 - <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2009/08/2-6.pdf>.

FARIA, P. M. **O pensamento poético como estratégia de reencantamento do mundo**. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28 n. 43, p. 88- 105, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.5>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>

FRIGERIO, A. **Lógicas y límites de la apropiación new age**: donde se detiene el sincretismo. In: DE LA TORRE, Renée; ZUÑIGA, Cristina Gutiérrez; HUET, Nahayeilly Juárez (Orgs). *Variaciones y Apropiaciones Latinoamericanas del New Age*. México: Ciesas: Coljal, 2013.

GIUMBELLI, E.; TONIOL, R. **Espiritualidade em perspectiva**: debates e aproximações do tema pelas ciências sociais. *Religião & Sociedade*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 11-19, 2020. DOI: 10.1590/0100-85872020v40n3editorial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/MgfFhJGYG7Bsf44X7VMQWvj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 ago. 2024.

GODOY, J. M. T. ; MAESTA, B. A. . **A religião nas margens**. Reconfigurações da religiosidade no contexto pós-moderno.. *CAMINHANDO* , v. 26, p. 1-19, 2021.

GUERRIERO, S.; MENDIA, F.; COSTA, M.; BEIN, C.; LEITE, A. L. **Os componentes constitutivos da Nova Era**: a formação de um novo ethos. *Rever*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 10-30, 2016.

GUERRIERO, S.; STERN, F. L.; BESSA, M. **A difusão do ethos Nova Era e o declínio de seus estudos acadêmicos no Brasil**. *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, v. 16, n. 3, p. 9-39, 2016.

HANEGRAFF, W. **New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought**. Leiden: Brill, 1996.

HIDA, R. T. B.. **Rituais Online**: Fermento Para a Espiritualidade Do Self E a Novaerização Das Religiões. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 107 p, 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE, 2010.

ILARI, M. D. S. Dez obras para se pensar a contracultura dos anos 1960. Guia bibliográfico da FFLCH. Tradução . São Paulo: FFLCH/USP, 2016. . Disponível em: <http://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/Contracultura.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2025.

LEAL, M. Movimentos New Age e a Espiritualidade da Nova Era no Contexto Digital: Estudo de Caso do “Movimento Natural Vibe”, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 146 p, 2019.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, P. **The data-centric society**. Azimuth (International Journal of Philosophy), Roma, v. 7, p. 129-140, 2016.

MAGNANI, J. G. C. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 63 p.

MALUF, S. W. **Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 7, n. 1,2, p. 147–161, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/1577>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MARTÍNEZ, F. **Nova Era, neoxamanismo e utopia psicodélica**. In: DE LA TORRE, Renée; STEIL, Carlos; TONIOL, Rodrigo (Orgs). Entre trópicos: diálogos de estudos sobre a Nova Era no Brasil e no México, 1. ed. – Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2022.

MARTINS FILHO, J. R. F.; ECCO, C. **“Sem religião” ou pluralismo religioso? Uma leitura introdutória**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 19, n. 58, p. 305, 30 abr. 2021.

MELTWATER; WE ARE SOCIAL. **Digital 2024 Global Overview Report: The Essential Guide to the World’s Connected Behaviours**, 2024, Disponível em: <https://www.meltwater.com/en/global-digital-trends>. Acesso em: 12 de dezembro 2024.

MENDONÇA, F. J. **História do Esoterismo**. In: Café História, 2015. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-do-esoterismo/>. Acesso em: 12 de dezembro 2024.

MESQUITA, R; PAIVA, A. **Os círculos de mulheres: reelaborando um feminino natural, sagrado e cíclico**. Revista Temporis[ação] (ISSN 2317-5516), [S. l.], v. 23, n. 02, p. 20, 2024. DOI: [10.31668/rta.v23i02.12315](https://doi.org/10.31668/rta.v23i02.12315). Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/12315>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MONTERO, P. **Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil**, *Etnográfica* [Online], vol. 13 (1) | 2009, posto online no dia 16 março 2012, consultado o 12 dezembro 2024. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/1195>; DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.1195>

NAPOLITANO, M.; VILLAÇA, M. M.. **Tropicalismo: As Relíquias do Brasil em Debate**. Revista Brasileira de História, v. 18, n. 35, p. 53–75, 1998.

NEVES, J; WACHHHOLZ, R. **O conceito de Secularização e a Teoria Sociológica: Max Weber e as abordagens contemporâneas**. In: Teoria Social: Repensar Modernidade, Pelotas, 2019.

NOVAES, R. **Os jovens "sem religião"**: ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, 18(52), 2004, 321-330. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/100388>

O'DANTAS, M. **Para entender Paulo Coelho**. Digestivo Cultural, 2008. Disponível em: https://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=245&titulo=Para_entender_Paulo_Coelho

OLIVEIRA, A. P. DE. **Entre cablocos, pretos-velhos e cores**: a imersão dos sujeitos no universo místico-religioso do Vale do Amanhecer. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 230 p, 2011.

OLIVEIRA, A. P. DE. **NOVA ERA À BRASILEIRA: A NEW AGE POPULAR DO VALE DO AMANHECER**. INTERAÇÕES, v. 4, n. 5, p. 31-48, 11. 2009.

OLIVEIRA, J. C. DA C.. **A ética protestante e o reencantamento do mundo na sociedade do trabalho**: notas a partir de Max Weber. *Filosofia Unisinos*, v. 23, n. 2, p. e23203, 2022.

OVIEDO SALAZAR, M. Resenha de **Estudios sobre la historia del esoterismo occidental en América Latina**: Enfoques, aportes, problemas y debates. Editado por Juan Pablo Bubello, José Ricardo Chaves y Francisco de Mendonça Júnior. REHMLAC, San Pedro, Montes de Oca, v. 9, n. 2, p. 291-298, Apr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1659-42232018000100291&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Dec. 2024. <http://dx.doi.org/10.15517/rehmlac.v9i2.31530>.

PIERUCCI, A.F. **O desencantamento do mundo**: todos os passos de um conceito. São Paulo, Editora 34, 236 p, 2005.

ROMÃO, T. L. C.. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional**: divindades africanas e santos católicos em tradução. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 1, p. 353–381, jan. 2018.

SAMPAIO, D. C. R. **Esoterismo Ocidental e Nova Era**: a Tradição Inventada Presente na Trajetória da Antiga e Mística Ordem Rosacruz (AMORC) no Recife/PE (1959-1981). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 229 p., 2020

SANTI, V. **A sociedade em rede, a geração digital e a crise na imprensa**: para onde caminha o jornalismo?. 2014, Animus. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática. [S. l.]*, v. 13, n. 26, 2014. DOI: 10.5902/2175497715641. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/15641>. Acesso em: 12 dez. 2024.

SIGOLO, R. P. **Homeopatia, medicina alternativa**: entre contracultura, Nova Era e oficialização (Brasil, década de 1970). *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 26, n. 4, p. 1317-1335, 2019.

Stern, F. L., e R. B. H. **"Posicionamento Político do Movimento da Nova Era no Brasil: o Caso de Luiz Antonio Gasparetto"**. *Revista Caminhos - Revista De Ciências Da Religião* 20 (3). Goiânia, Brasil:383-406, 2022. <https://doi.org/10.18224/cam.v20i3.12777>.

SZTUTMAN, R. **Reativas a feitiçaria e outras receitas de resistência**: pensando com Isabelle Stengers. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 69, p. 338-360, 2018.

TAVARES, F. R.; DUARTE, J. DO P.; COGNALATO, R. P. **Movimento nova era e a reconfiguração do social** (da contracultura à heterodoxia terapêutica). Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia, v. 1, n. 28, 2 jun. 2011.

TAVARES, F. **Legitimidade Terapêutica no Brasil Contemporâneo**: As Terapias Alternativas no Âmbito do Saber Psicológico. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 13(2):83-104, 2003.

TONIOL, R. **Cortina de fumaça**: terapias alternativas/ complementares além da Nova Era. REVER · Ano 16 · Nº 02 · Mai/Ago 2016. DOI: 10.21724/rever.v16i2.29281

TONIOL, R. **Nova era e saúde**: balanço e perspectivas teóricas. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, [S. l.], n. 80, p. 27–41, 2015. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/405>. Acesso em: 11 dez. 2024.

ZENHA, L. **Redes sociais online**: o que são as redes sociais e como se organizam? Caderno de Educação, n. 49, 2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809>. Acesso em: 12 de dezembro de 2024

ZUBOFF, H. **The Age of Surveillance Capitalism**: the fight for a human future at the new frontier of power. Nova York: Public Affairs, 2019